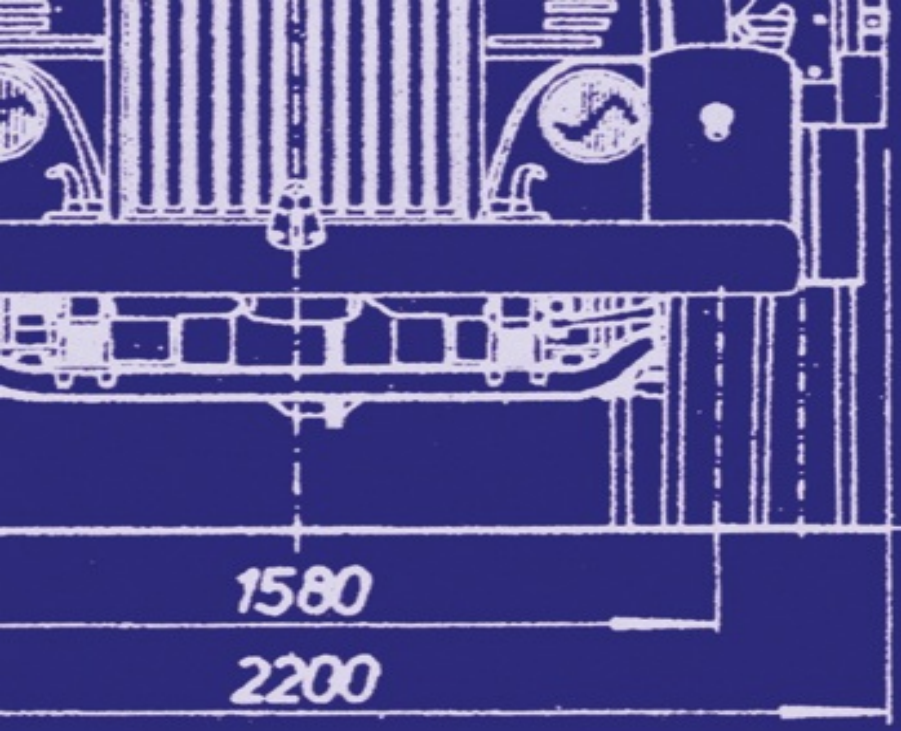
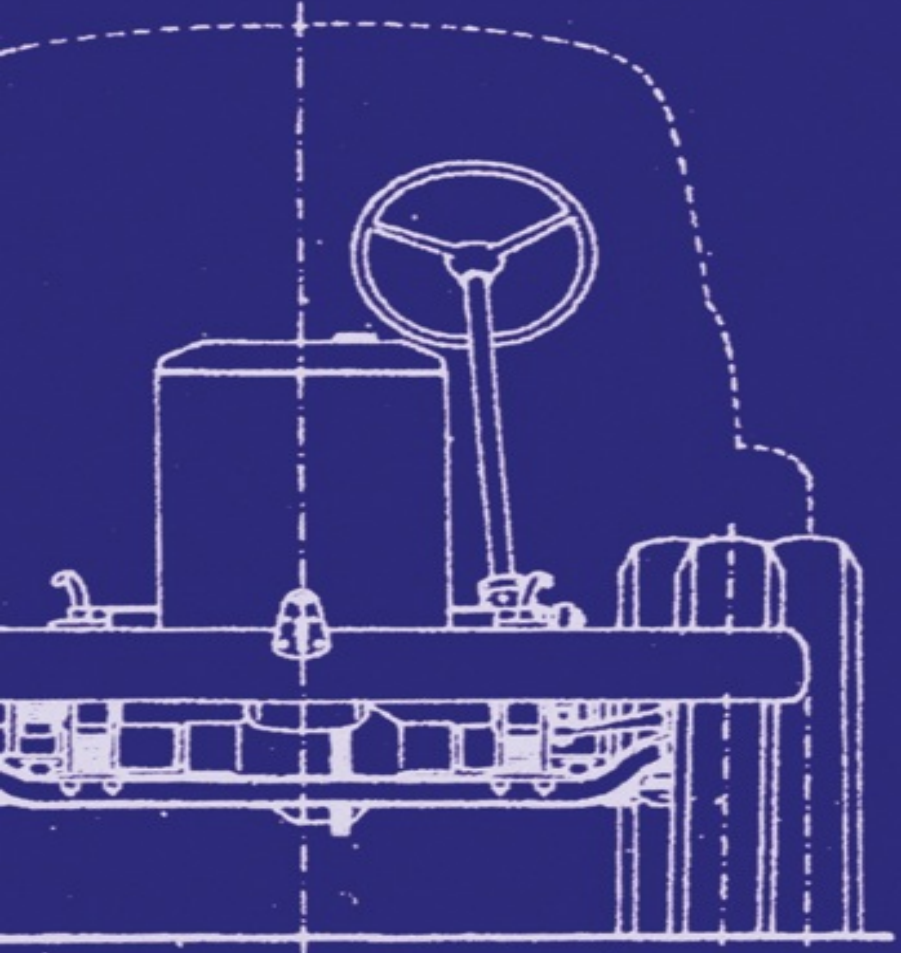
MO YAN

MU DAN ÇA









DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

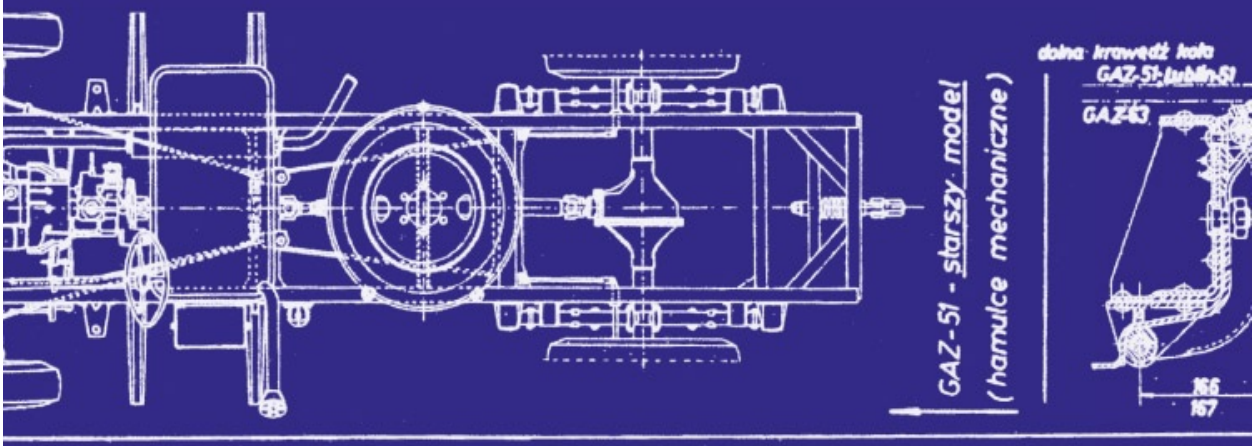
Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


leLivros

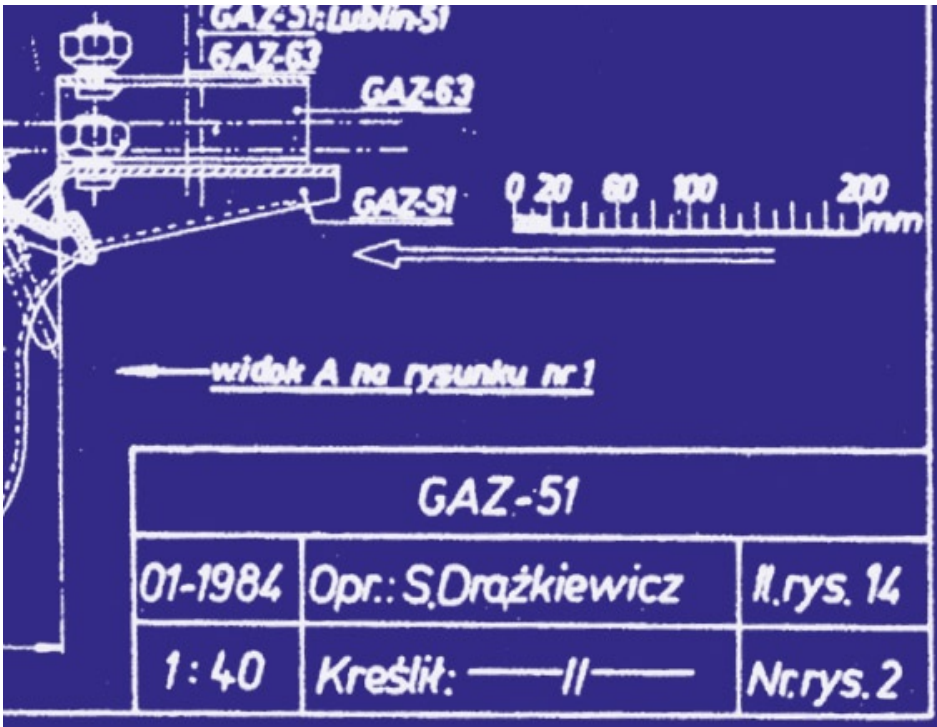
ГОРЬКОВСКИ
АВТОЗАВ
skala-1:10



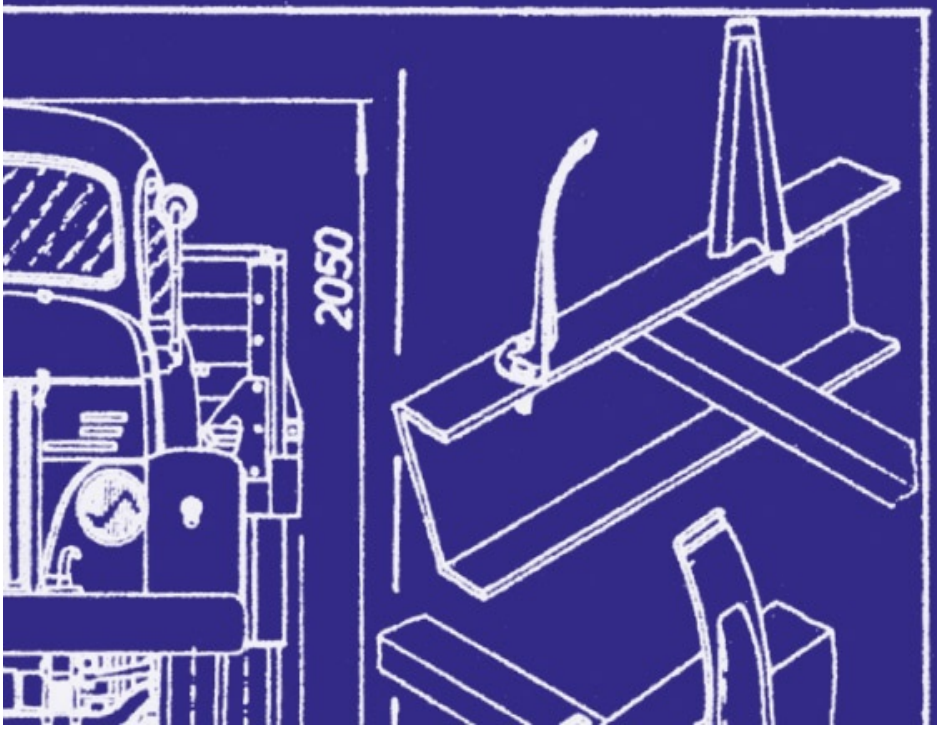
MUDAN ÇA **MO YAN**

TRADUÇÃO **AMILTON REIS**





GAZ-51		
01-1984	Opr.: S. Drążkiewicz	Il. rys. 14
1:40	Kreślił: —— II ——	Nr. rys. 2



Prólogo

Em janeiro de 2005, viajei com minha filha Xiaoxiao a Udine, na Itália, para receber o Prêmio Nonino de Literatura. Naquela ocasião, conhecemos Naveen Kishore, que trabalhava em uma editora de Calcutá. Minha filha conversava com ele em inglês enquanto eu, sentado ao lado deles, observava. Era um homem de meia-idade e poucas palavras, de pele escura e feições bem definidas. Vestia um sobretudo preto por cima de um terno preto e carregava uma máquina fotográfica igualmente preta, que parecia muito pesada. A gola e as mangas estavam desbotadas, assim como os sapatos e a câmera. Convidei-o para jantar conosco, e ele tirou uma foto minha. Trocamos nossos endereços para manter contato, mas depois que nos despedimos, quase me esqueci dele. No início deste ano,[1] *Naveen me escreveu um e-mail pedindo um texto sobre as grandes transformações ocorridas na China ao longo das últimas três décadas; o texto seria publicado por sua editora. Achei o tema demasiado amplo, muito além da minha capacidade, e não quis aceitar. Mas ele insistiu e muitos e-mails depois me disse para escrever "o que quiser e como quiser". Com isso eu não tinha mais desculpas. Ao pegar a caneta, percebi que já não podia escrever o que quisesse e como quisesse. Ao pegar a caneta, percebi que já não conseguia me desvencilhar daquele tema. Naveen mandou-me por e-mail a fotografia em preto e branco que tirou quando nos conhecemos. Até que ficou bacana. Quem consegue achar um ângulo bacana num rosto como o meu é realmente um mestre.*

---

[1] Texto publicado em 2009. [N.T.]

O que quero narrar deve ter acontecido depois de 1979, mas o fio do meu pensamento teima em ignorar esse limite e volta àquele outono de 1969, com seu sol radiante, seus crisântemos dourados e seus gansos migrando para o sul. Nesse ponto, já não me distingo de minha lembrança. Meu pensamento, ou aquele eu que fui um dia, um menino solitário expulso da escola, mas ainda atraído pelo vozerio que vinha lá de dentro, esgueira-se tímido pelo portão sem vigia, atravessa um corredor comprido e escuro e alcança um pátio escolar rodeado de construções. À esquerda ergue-se um poste de madeira tendo no topo uma trave amarrada com arame, de onde pende um sino enferrujado. À direita, uma mesa rústica de pingue-pongue, feita de tijolo e cimento. Em torno dela, uma multidão assiste a uma partida entre duas pessoas. O vozerio vem daqui. A Escola Rural está em férias de outono; na torcida que cerca a mesa, os professores são maioria e bem poucas as meninas bonitas. Elas são as competidoras que a escola vem preparando especialmente para o campeonato distrital que vai acontecer no Aniversário da Revolução. Em vez de aproveitar as férias, elas são obrigadas a treinar na escola. Filhas de funcionários da Fazenda Estatal, são meninas bem alimentadas e, por isso mesmo, bem desenvolvidas, donas de uma pele de porcelana. Vêm de famílias ricas, usam roupas coloridas, e só de olhar já dá para saber que não pertencem a nossa ralé. Babávamos por elas, que nem se dignavam a lançar um olhar em nossa direção. Um dos jogadores é o professor de matemática, Liu Tianguang. Ele é baixinho e tem uma boca enorme. Dizem que consegue abocanhar o próprio punho, mas ele nunca demonstrou essa sua especialidade na nossa frente. Volta e meia passa pela minha cabeça a visão dele bocejando em sala de aula. Aquela boca escancarada era um verdadeiro espetáculo. Ele tinha o apelido de *Hema*, que quer dizer hipopótamo. Não fazíamos ideia de que animal era aquele, sabíamos era do sapo, que chamamos *hama*, também dotado de uma bocarra considerável. Como *hema* e *hama* têm pronúncia parecida, Liu Hema obviamente passou a ser chamado de Liu Hama, ou Liu Sapo. Nem tinha sido invenção minha, mas depois de investigarem a torto e a direito,

acabaram concluindo que o culpado era eu. Liu Sapo era filho de mártir, e ainda por cima vice-diretor do Comitê Revolucionário Escolar, era óbvio que botar apelido nele consistia ofensa grave. Acabar expulso da escola e enxotado portão afora foram meros desdobramentos inevitáveis.

Desde pequeno sou atrevido, desde pequeno sou desastrado, desde pequeno sou mestre em arranjar sarna para me coçar. Muitas vezes eu só queria puxar o saco do professor, mas ele logo imaginava que ali tinha armadilha. Minha mãe suspirava: "Ai, filho, você é uma coruja de bom agouro, não faz jus à fama". Só que nunca ninguém me relacionou a coisas boas, toda coisa ruim era sempre eu que fazia. Muita gente achava que eu tinha um parafuso a menos, que era um cabeça-dura e que odiava a escola e os professores. Total equívoco. Na verdade eu nutria um sentimento profundo por minha escola, em especial pelo professor Boca Grande. Porque eu também era um menino de boca grande. O menino em meu conto "Boca grande" foi inspirado em mim. O professor Liu Boca Grande e eu estávamos, na verdade, unidos pelo infortúnio. Devíamos ter mais compaixão um pelo outro. Bem diz o ditado: quem sofre a mesma doença, sente a mesma dor. Eu poderia inventar um apelido para qualquer pessoa, menos para ele. Isso era óbvio, só que o professor Liu não se deu conta. Puxou-me pelo cabelo até a sala dele e me deu um chute que me fez cair no chão. Então disse o seguinte:

– Você... você... nunca se olhou no espelho? Nunca viu essa sua boquinha de cereja, nem mesmo refletida na poça do seu próprio mijo?

Tentei me explicar, mas ele não quis saber. E assim um menino que tinha especial afeição pelo professor Liu Boca Grande – eu, Mo Boca Grande – foi expulso da escola. Só que meu atrevimento era tamanho que, mesmo depois de ter minha expulsão anunciada diante de todo o corpo docente e discente, eu continuava amando a escola como se nada tivesse acontecido. Todo dia andava até lá de mochila nas costas para achar um jeito de entrar sem que ninguém percebesse. No começo o professor Liu me mandava embora; quando eu não obedecia, ele me pegava pela orelha ou pelo cabelo e me arrastava para fora. Mas nem bem ele voltava para sua sala eu já estava outra vez lá dentro. Depois ele encarregou uns alunos grandalhões de me enxotar; quando eu resistia, eles me pegavam pelos braços e pelas pernas e me

jogavam na rua. Nem bem eles voltavam para suas carteiras eu já reaparecia do lado de dentro. Colava-me a um canto do muro, o corpo todo encolhido, em parte para não ser notado, em parte para despertar compaixão. Dali eu assistia às brincadeiras das outras crianças durante o recreio e ouvia o burburinho que faziam. O que eu mais gostava de ver era o pingue-pongue, ficava fascinado, muitas vezes meus olhos se enchiam de lágrimas e eu mordia o punho. Depois, eles desistiram de me pôr para fora.

Vejo como se fosse hoje aquela tarde de outono quarenta anos atrás: eu colado ao canto do muro, o professor Liu Sapo brandindo a enorme raquete de pingue-pongue que ele mesmo desenhara e que mais parecia uma pá militar; sua adversária era Lu Wenli, a colega que se sentava ao meu lado na sala de aula. Na verdade Lu Wenli também era uma menina de boca grande, mas grande de um jeito razoável, nada a ver com a bocarra do professor Liu e a minha. Mesmo naquela época em que bocas grandes não faziam sucesso, ela já podia ser considerada uma menina bonitinha. Além do mais, o pai dela era motorista da Fazenda Estatal e dirigia um Gaz 51 importado da União Soviética, imponente, possante. Dirigir caminhão, naquele tempo, não era para qualquer um. O professor conselheiro da nossa turma uma vez nos pediu uma redação sobre o tema "Meu sonho". Metade dos meninos queria ser motorista. He Zhiwu, um colega que, com sua estatura, sua corpulência, seu rosto cheio de espinhas e seu bigode parecia ter uns vinte e cinco anos, escreveu apenas: "Não tenho nenhum outro sonho. Só tenho um sonho. O meu sonho é ser o pai da Lu Wenli". O professor Zhang gostava de ler para nós as redações que considerava a melhor e a pior da turma. Em vez de revelar o nome dos autores, pedia que a gente adivinhasse, depois de terminada a leitura. Naquela época, falar em língua culta na roça era motivo de chacota; na nossa escola não era diferente. O professor Zhang era o único que se atrevia a falar em língua culta. Ele era formado pela Escola Normal e passava um pouco dos vinte anos de idade. Tinha um rosto magro, comprido e pálido, repartia o cabelo do lado, vestia um paletó militar de gabardine azul desbotado. Prendia a gola com clipes e protegia as mangas com longas braçadeiras azul-escuras. Certamente vestia outras cores, outros modelos, não é possível que trajasse sempre a mesma coisa nas quatro estações do ano, mas na minha lembrança a imagem dele está

invariavelmente ligada a essa roupa. Sempre me lembro primeiro das braçadeiras e dos clipes na gola, depois lembro do paletó, do rosto, das feições, da voz, da expressão do rosto. Se não seguir essa ordem, não consigo me lembrar da aparência dele. O professor Zhang poderia ser descrito como "um tesouro" nos anos 1980, "um gato" nos 1990 e "um arraso" nos dias de hoje? Talvez na linguagem atual haja alguma expressão mais em voga para designar um jovem bonito, mas só terei condições de chegar a uma conclusão depois de perguntar a minha jovem vizinha. He Zhiwu parecia muito mais velho que o professor. Dizer que ele parecia o pai do professor seria exagero, mas podia passar por tio sem dificuldade. Lembro do professor lendo a redação de meu colega num tom afetado e irônico: "Não tenho nenhum outro sonho – Só tenho um sonho – O meu sonho é ser o pai da Lu Wenli". Depois de um breve silêncio, a classe toda explodiu numa gargalhada. A redação de He Zhiwu tinha só três frases. O professor segurava o caderno pelo canto e o sacudia como se quisesse fazer algo cair lá de dentro. "Gênio, um verdadeiro gênio!", disse o professor Zhang. "Adivinhem quem escreveu esta pérola." Ninguém sabia dizer, ficamos olhando para todos os lados em busca do tal gênio. Logo nossos olhares convergiram para o rosto de He Zhiwu. Ele era o mais alto e o mais forte da turma. Gostava de importunar o companheiro de carteira, por isso o professor Zhang o mandava sentar-se sozinho no fundo da sala. Centro de nossas atenções, ele parecia ruborizar, um tanto encabulado. Mas olhando bem, via-se que não era bem isso. Ele até parecia bastante satisfeito, pois exibia um sorrisinho bobo, debochado e meio malandro. Tinha o lábio superior mais curto. Quando sorria, mostrava a gengiva roxa e os dentes amarelos separados na frente. Sua especialidade era fazer saírem bolhinhas dessa fresta entre os dentes. Uma atrás da outra. As bolhinhas flutuavam na frente dele, era uma visão fascinante. Ele recomeçou aquilo das bolhinhas e o caderno de redação voou da mão do professor na direção dele, só que caiu no meio do caminho, na frente de Du Baohua – essa sim, uma boa aluna –, que o pegou e lançou para trás cheia de asco. O professor perguntou: "He Zhiwu, que história é essa de querer ser o pai da Lu Wenli?". Nosso colega continuou com suas borbulhas. "Levante-se!", gritou o professor. O aluno se levantou, fazendo cara de pouco-caso. "Fale! Por que quer ser o pai da Lu

Wenli?" Foi outra gargalhada geral. No meio da confusão, Lu Wenli deitou a cabeça na mesa, aos prantos. (Até hoje não entendi por que ela precisava chorar.) He Zhiwu recusava-se a responder à pergunta do professor e assumia um ar ainda mais desaforado. A choradeira de Lu Wenli só servia para complicar um assunto simples. O atrevimento de He Zhiwu desafiava a autoridade do professor Zhang. Se soubesse que a coisa evoluiria daquela forma, acho que o professor não teria lido a redação do nosso colega em público. Mas flecha disparada não volta para o arco. O professor não tinha opção senão dizer: "Ponha-se daqui para fora!".[2]

He Zhiwu, nosso colega genial, aquele que era mais alto que o professor, abraçou a mochila contra o peito, deitou-se no chão, encolheu o corpo e começou a rolar pelo espaço estreito entre as carteiras. O riso mal saiu de nossas gargantas e foi engolido de volta, efeito do clima tenso que se instalara na sala de aula, impróprio para risadas. Essa tensão toda vinha da fisionomia do professor Zhang, lívida de raiva, e dos soluços de Lu Wenli. Além do mais, nosso colega rolava de um jeito atrapalhado. Sem ter como definir a direção do movimento, ia batendo nos pés das carteiras e dos bancos. A cada impacto era preciso reajustar a rota. O barro trazido por nossos sapatos transformara o piso de tijolos num terreno acidentado. Aquela devia ser uma posição desconfortável para He Zhiwu. Mas posição ainda mais desconfortável era a do professor Zhang. O desconforto do aluno era físico, o do professor, mental. Torturar-se fisicamente para punir outras pessoas é um golpe baixo, em nada condizente com um herói. Mas quem consegue fazer isso não é um vilão qualquer. Um grande vilão tem sempre algo de heroico, e um grande herói tem sempre algo de vil. He Zhiwu é um grande vilão ou um grande herói? Não sei dizer. De todo modo, como ele é o protagonista desta história, o leitor acabará chegando a sua própria conclusão. Foi assim que ele saiu da sala. Levantou-se, o corpo cheio de terra, e foi embora sem olhar para trás. O professor Zhang gritou: "Parado aí!". Mas He Zhiwu foi embora sem olhar para trás. Lá fora o sol ardia, dois pássaros grasnavam na árvore ao lado da sala de aula. Eu via um halo dourado em torno do meu colega. Não sei o que passava pela cabeça dos outros, mas para mim àquela altura ele já se transformara num herói. Avançou a passos largos, resoluto. Pedaços de papel voavam de sua mão e

dançavam no ar antes de tocar o chão. Não sei quanto aos outros, mas naquele momento meu coração pulava. Ele estava rasgando a cartilha! Estava rasgando o caderno! Estava cortando todos os laços com a escola. Deixava a escola para trás, pisando no professor. Era um passarinho fora da gaiola. Estava livre. A disciplina escolar já não o atingia. Quanto a nós, continuávamos sob o jugo do professor. O complicado era que, ao rolar até a porta e rasgar seu livro, He Zhiwu ganhou minha admiração profunda e me fez sonhar em, um dia, também ser capaz de tamanha proeza. Mas pouco tempo depois, quando o Boca Grande me expulsou, fiquei arrasado – meu apego à escola não me deixava em paz. Esse pequeno fato basta para distinguir com toda a clareza o herói do covarde.

He Zhiwu já encerrara sua saída triunfal, mas Lu Wenli continuava soluçando. Sem disfarçar a impaciência, o professor Zhang disse: "Chega! He Zhiwu queria ser motorista como seu pai, não queria ser seu pai de fato. Além do mais, mesmo que ele quisesse ser seu pai, isso por acaso o tornaria seu pai?". Assim que o professor terminou de falar, Lu Wenli levantou a cabeça, puxou um lencinho estampado, enxugou os olhos e parou de chorar. Ela tinha uns olhos grandes, bem separados, que lhe davam uma expressão meio abobada quando olhava para alguém de frente.

Mas por que sonhávamos ser como o pai de Lu Wenli? Por causa da velocidade. Meninos são fascinados por velocidade. Se ouvíssemos o ronco do motor durante a refeição em casa, largávamos o prato e corríamos até a esquina para assistir à passagem daquele Gaz 51 verde dirigido pelo pai de Lu Wenli, que vinha como um bólido de um lado ou de outro da aldeia. As galinhas que ciscavam a poeira da estrada voavam apavoradas, e os cachorros vadios saltavam para a valeta lateral. Em resumo, era o caminhão passando e os animais pulando. Muitos deles foram vítimas fatais em vários acidentes, mas nem por isso o pai de Lu Wenli diminuía a velocidade. O dono da galinha ou do cachorro, sem dizer palavra, voltava para casa carregando ou arrastando o bicho morto. Ninguém jamais reclamou de nada, nem mesmo foi atrás do motorista. Um caminhão tem de correr assim, se não corre, não é caminhão. Galinhas e cachorros é que precisam dar passagem, não o oposto. Dizem que esse Gaz 51 de fabricação soviética serviu na Guerra de Resistência à Agressão Norte-Americana e em Ajuda à

Coreia. Os buracos de bala na carroceria, deixados por caças americanos, eram prova de um passado glorioso. Em tempos de guerra ativa, ele avançava entre saraivadas de balas. Em tempos de paz, corria levantando uma nuvem de poeira pela estrada. Quando o caminhão passava diante de nós, podíamos ver, pelo vidro, o pai de Lu Wenli cheio de si. Às vezes ele usava óculos de sol, outras vezes não; às vezes calçava luvas brancas, outras vezes não. Eu gostava quando ele usava tudo, luvas brancas e óculos de sol. Isso porque tínhamos assistido a um filme em que um dos nossos agentes, disfarçado de alto oficial do inimigo, de luvas brancas e óculos escuros, vai inspecionar uma posição da artilharia inimiga. Ele passa o dedo por dentro do cano de um canhão e mancha a luva. Então pergunta, no tom típico dos oficiais: "Isso lá é jeito de cuidar de um canhão?". A farda inimiga, de estilo americano, era mesmo bonita e caía especialmente bem no heroico agente, com suas luvas brancas e seus óculos escuros. Uma elegância desmedida. Durante muito tempo depois de ver o filme continuamos brincando de imitá-lo: "Isso lá é jeito de cuidar de um canhão?". Mas sem aquelas luvas brancas, o efeito nunca era igual. Todos nós desejávamos um dia ter um acessório daqueles. Já a farda, os óculos de sol e o revólver pendurado na cintura eram artigos tão sofisticados que nem ousávamos sonhar com eles. Muitos rapazes da nossa turma e até várias meninas idolatravam He Zhiwu, não só por ele ter saído da escola em grande estilo como também pelo espetáculo de extrema elegância que encenara diante de todos, professores e alunos, pouco depois de sua saída.

Foi num 1º. de junho, Dia das Crianças. A escola toda estava reunida para o hasteamento da bandeira no pátio externo. Apesar de vivermos numa aldeia remota, éramos vizinhos de uma fazenda estatal que recebera um grupo de habilidosos "direitistas". Alguns deles, com especial vocação para artes e esportes, trabalhavam como professores substitutos em nossa escola. Graças a eles, Lu Wenli virou campeã juvenil de tênis de mesa de Gaomi, e Hou Dejun conquistou o campeonato de salto com vara de Changwei. Além disso, eles nos ajudaram a montar uma banda marcial decente. Tínhamos um bumbo, dez caixas, dois gongos, dez trompetes, dez trombones, mais duas tubas reluzentes, daquelas que dão uma volta no corpo e têm a boca virada para cima. Os camponeses estavam acostumados com instrumentos

de percussão como tambores, gongos e címbalos, que criam um ruído aborrecido, monótono e provinciano, *tum-tum-tá, tum-tum-tá, tum-tá-tum-tá, tum-tum-tá*. A estreia da nossa banda no pátio, com aquele aprumo, aquele garbo, aquele encanto, deixou os aldeões de queixo caído. Quem já tinha visto uma guarda de honra daquelas? Quem já tinha escutado algo assim? A escola mandou fazer uniformes para os integrantes da banda, calção azul e camisa branca para os meninos, camisa branca e saia azul para as meninas. Todos ganharam longas meias brancas e tênis igualmente brancos. Os rostos recebiam ruge, as sobrancelhas eram pintadas com lápis-carvão. As meninas usavam uma fita vermelha no cabelo e os meninos uma gravata borboleta vermelha no pescoço, era bonito mesmo. Como se não bastasse, todos usavam finas luvas brancas! Esses instrumentos e uniformes custaram uma fortuna que a escola não conseguiria obter nem que vendesse todas as carteiras mais o sino de ferro, mas, para a Fazenda Estatal Jiaohe, aquilo era como uma pena para uma galinha. Não digo um pelo para nove bois, como no ditado popular, porque aí seria exagero. Mencionei a fazenda em vários dos meus livros, e também aqueles "direitistas", que, para mim, eram alegres e sabiam aproveitar a vida. Eles são os protagonistas do conto "Uma corrida trinta anos atrás", os leitores interessados podem procurar e ler. Aquilo é ficção, inventei a maioria daquelas histórias, mas aqui escrevo basicamente minhas lembranças. Se houver algo em desacordo com os fatos históricos, a culpa só pode ser da memória, que me falha depois de tantos anos.

A Fazenda Estatal Jiaohe, de propriedade pública, e o Corpo de Produção e Construção de Xinjiang, que ainda existe, originalmente integravam um mesmo sistema organizacional. A maioria de seus membros era formada por veteranos do exército. Mais tarde chegaram vários "jovens qualificados" de Qingdao. No início dos anos 1960, quando ainda se usavam ferramentas antiquadas como carros de boi e arados de madeira, a fazenda já possuía uma colheitadeira vermelha de fabricação soviética. A visão daquela máquina avançando ruidosa pelo trigal imenso tinha sobre nós um efeito comparável ao que tiveram sobre nossos avós as locomotivas alemãs que passavam pela aldeia cuspindo fumaça preta em 1904, na então recém-inaugurada ferrovia Qingdao-Jinan. Para uma empresa daquele porte,

equipar a escola vizinha com uma banda marcial era realmente uma ninharia. Desculpem minha narrativa prolixa, minha cabeça está cheia de lembranças embaralhadas. Não tenho intenção de escrevê-las, elas é que vão brotando por conta própria.

Por que a Fazenda Jiaohe queria equipar nossa escola com uma banda marcial? Porque ali estudavam os filhos de muitos de seus funcionários. E por que nos mandavam direitistas como professores substitutos? Pelo mesmo motivo. Dos professores locais, Zhang só cursara a Escola Normal, e Boca Grande nunca passara do ginásio. Mas os direitistas enviados pela fazenda eram todos notáveis intelectuais. A esta altura, acho que vocês já entenderam que naquela época nossa escola era a melhor da península de Shandong. Fui expulso da escola na quinta série; apesar disso descobri, mais tarde, no serviço militar, que ainda podia facilmente dar aulas aos meus companheiros de Exército que haviam concluído o Colegial. Se eu tivesse me formado naquela escola poderia entrar, só com meu Ensino Fundamental, na Universidade de Pequim ou na Tsinghua em 1977, quando foram retomados os exames de admissão.

Enquanto assistíamos ao hasteamento da bandeira de cinco estrelas ao som de "O Oriente é vermelho" tocado pela banda marcial, He Zhiwu apareceu no lugar mais visível do pátio usando uma farda desbotada, um quepe de oficial praticamente novo, luvas brancas, óculos de sol e um chicote caseiro. Por que tocavam "O Oriente é vermelho" em vez do hino nacional no hasteamento da bandeira? Porque os autores do hino nacional haviam caído em desgraça. E onde He Zhiwu tinha arranjado aquele figurino? Não sabíamos dizer. Muitos anos depois, quando o encontrei em Qingdao, perguntei-lhe a respeito disso. Ele riu e respondeu – meio de brincadeira, meio a sério: "Peguei emprestado do pai da Lu Wenli". Apesar de o efeito não ser igual ao do herói do filme, aquilo foi suficiente para nos fulminar.

Marchando a passos largos, cabeça erguida e peito inflado, ele passou impávido entre as fileiras de alunos e a diretoria. Andando, apontava o chicote para nós e dizia, num tom teatral: "Isso lá é jeito de cuidar de um canhão?".

A diretoria toda ficou sem ação. De olhos arregalados, seus membros

viram He Zhiwu passar diante deles. De olhos arregalados, viram-no passar outra vez diante deles, voltando. He Zhiwu entrou assoviando no beco ao lado do pátio. Nossos olhares seguiram seu vulto, vimos quando ele subiu o dique, desceu o dique e sumiu para os lados do rio. Sabíamos que o leito não estava seco, ficamos imaginando o que ele faria ao chegar à margem, como seria a cena? Tiraria a roupa para dar um mergulho ou ficaria admirando o próprio reflexo na água? Depois disso, toda a programação organizada pela escola perdeu a graça. Não havia declamação de poema nem esquete cômico que conseguisse fazer nosso interesse voltar da beira do rio. O professor Liu Boca Grande anunciou, furioso: "Vamos dar uma lição nele!".

Mas nunca ficamos sabendo qual fora a lição dada em He Zhiwu. O pai dele trabalhara a vida inteira como empregado de lavoura, a mãe era veterana do Partido, a mais antiga da aldeia, tinha o rosto bexigoso, pés grandes e pavio curto. Muitas vezes, sem motivo aparente, subia na pedra de moinho em frente a sua casa e esbravejava aos quatro ventos. Ao fazer isso, punha a mão esquerda na cintura, erguia o braço direito e ficava parecendo uma chaleira daquelas antigas. He Zhiwu era o mais velho de quatro irmãos e duas irmãs. A família vivia em um casebre de três cômodos e não tinha nem uma esteira para forrar o *kang*.[3] Nem o próprio presidente Mao saberia o que fazer com uma pessoa nessa situação, quanto mais o Liu Boca Grande.

No outono de 1973 consegui um emprego temporário na fábrica de processamento de algodão, com a ajuda do meu tio que trabalhava lá como contador. Embora fosse temporário, ao fim de cada mês eu pagava vinte e quatro iuanes para a equipe de produção e ainda me sobravam quinze. Naquele tempo em que a carne de porco custava um iuane e quarenta centavos o quilo e os ovos seis centavos a unidade, dava para fazer muita coisa com quinze iuanes. Comecei a andar na moda, deixei o cabelo crescer e consegui vários pares de luvas brancas. Aquilo me subiu um pouco à cabeça. Um dia, He Zhiwu veio me procurar depois do trabalho. Calçava um par de sapatos furados, tinha os dedos à mostra e carregava nas costas um cobertor puído dobrado em quatro. Cabelos desgrenhados, barba crescida, três rugas profundas na testa. "Me empresta dez iuanes, vou para o Nordeste procurar trabalho", pediu ele. "Mas depois que você for embora, o que vai ser de seu pai, sua mãe e seus irmãos?", perguntei. "O Partido Comunista

não vai deixar eles morrerem de fome.” “Vai fazer o quê lá no Nordeste?” “Não sei, mas é melhor do que ficar aqui até morrer, não é? Olha para mim, tenho quase trinta anos e nem consigo arrumar uma mulher para me casar, vou para outro lugar por uns tempos, mudar de lugar pode ser ruim para as plantas, mas faz bem aos homens.” Para dizer a verdade, eu não queria emprestar a quantia, naquele tempo dez iuanes não eram pouca coisa. “Quer fazer uma aposta?”, propôs ele. “Se eu me der bem, não devolvo o dinheiro. Se me der mal, vou te pagar nem que precise vender meu sangue.” Para ser sincero, não consegui entender aquela lógica. Mesmo assim, depois de muita hesitação, acabei emprestando a quantia que ele me pedira.

Vamos voltar àquela tarde em que eu assistia, escondido num canto do muro, ao pingue-pongue entre o professor Liu Boca Grande e Lu Wenli. O professor jogava com uma técnica medíocre, mas era obcecado pelo esporte e gostava de competir com as alunas. Nenhuma das selecionadas para o time da escola era feia, e Lu Wenli era a mais bonita de todas. Por isso era a adversária favorita do professor. Durante as partidas, sem perceber o professor abria aquela sua boca enorme. Se ficasse só nisso, tudo bem, mas ele emitia, das profundezas de sua bocarra, um som esquisito, *coac-coac*, parecia que criava sapos lá dentro. Ver ou ouvir o professor Liu jogar era uma tristeza. Eu sabia que Lu Wenli jogava com ele muito a contragosto, mas, como o professor era da diretoria, ela não tinha escolha. Daí vinha todo aquele desalento, aquela contrariedade que ela deixava transparecer no rosto e nos movimentos aleatórios que fazia com a raquete durante as partidas com o professor. Mencionei tudo isso só para compor a seguinte cena dramática: o professor Liu, de boca escancarada, *vupt*, lança uma bola alta com efeito, que Lu Wenli rebate, distraída. Entretanto, como se tivesse criado olhos, a cintilante bolinha de pingue-pongue voa direto para dentro da boca do professor.

A plateia fica atônita por um momento e depois cai na gargalhada. De tanto rir, a professora Ma, que já era corada, fica vermelha como uma crista de galo. Lu Wenli, antes de cara amarrada, deixa escapar uma risadinha. Eu sou o único que não ri, só me pergunto, abismado, como é possível tanta coincidência. Naquela hora até me vem à cabeça uma história contada pelo Vovô Wang Gui, famoso contador de histórias da nossa aldeia: certa vez o

azarado Jiang Ziya foi vender farinha e veio uma ventania, foi vender carvão e não veio o frio, virou o rosto para o céu num longo suspiro, veio um passarinho e cagou na boca dele. Vinte anos depois, no outono de 1999, eu estava em Pequim indo de metrô para o trabalho no *Diário da Procuradoria*, quando passou um jornaleiro gritando: "Leiam! Leiam! Na Segunda Guerra Mundial uma bala disparada pelo Exército soviético entrou no cano de um canhão alemão". Aquilo imediatamente me fez lembrar a cena de Lu Wenli lançando a bola de pingue-pongue para dentro da boca do professor Liu. O que aconteceu naquele momento foi o seguinte: a torcida riu por um momento, percebeu que havia algo errado e parou de rir. Segundo as regras do bom senso, o professor Liu cuspiria a bolinha sem pensar duas vezes, diria algo engraçado – ele sabia ser engraçado – e Lu Wenli, ruborizada, pediria desculpas; depois disso continuariam a partida. Mas a situação não se desenrolou conforme o bom senso; vimos o professor esticar o pescoço e arregalar os olhos num esforço para engolir a bolinha, em vez de cuspi-la. Agitava os braços para cima e para baixo enquanto um som estranho, *ó-ó*, saía de sua garganta, parecia uma galinha que engoliu um bicho venenoso. A multidão, em choque, não sabia o que fazer. Sem demora, o professor Zhang correu para bater nas costas do professor Liu; o professor Yu correu para tentar segurar o pescoço dele; o professor Liu enxotou-os agitando os braços. Experiente, o professor Wang, um direitista formado em medicina, afastou Zhang e Yu, estendeu uns braços longos como os de um macaco e, abraçando a cintura de Liu pelas costas, deu-lhe uma boa chacoalhada – a bolinha de pingue-pongue voou da boca do professor, caiu primeiro na mesa, quicou algumas vezes, depois caiu no chão e parou, sem rolar muito. Wang afrouxou os braços, o professor Liu emitiu um som estranho e se esparramou no chão como se fosse um monte de lama. Lu Wenli largou a raquete em cima da mesa e saiu aos prantos, tapando o rosto com as mãos. Wang massageou um pouco o professor Liu, deitado no chão. Depois disso, Liu se levantou com ajuda das pessoas em volta, olhou para todos os lados e perguntou, rouco:

"E Lu Wenli? E Lu Wenli onde está? Aquela pirralha quase me matou!"

[1] A expressão chinesa é, literalmente, “saia rolando”. [N.T.]

[2] Cama de tijolos aquecida a lenha. [N.T.]

Depois de me despedir de He Zhiwu, comecei a ficar inquieto. Embora o trabalho como temporário na fábrica de processamento de algodão fosse muito melhor do que a lavoura, eu continuava registrado como camponês. Enquanto esse registro não fosse alterado, eu permaneceria na última camada da sociedade. Havia na fábrica uma dúzia de jovens recém-efetivados no emprego que se pavoneavam exibindo sapatos de couro e relógios de pulso. àquela altura, eu já tinha lido obras clássicas como *O romance dos Três Reinos*, *O sonho do pavilhão vermelho* e *Jornada para o Oeste*, sabia de cor dezenas de poemas da dinastia Tang e cantigas da dinastia Song. E ainda tinha uma letra bonita. Tanto que um aposentado da fábrica sempre vinha pedir que eu o ajudasse com as cartas para o seu filho, que servia no Exército em Hangzhou. Eu escrevia uma mistura de clássico e vernáculo, num rococó estilístico que ainda hoje me faz corar. Mas o colega veterano elogiava, chamando-me de "jovem intelectual". Eu, de fato, me considerava subaproveitado e sonhava ter um dia a chance de ir para um lugar maior, onde faria pleno uso dos meus talentos. A fábrica obviamente não era lugar para ficar muito tempo, mas voltar à aldeia seria o mesmo que prender um cavalo bom no curral. Naquela época não se entrava na universidade por meio de exames de admissão, mas por recomendação de camponeses de renda baixa ou média-baixa. Embora, em tese, eu estivesse qualificado para a universidade, na prática isso era algo impossível. A cota anual mal dava para os filhos dos líderes da comuna, e menos ainda para alguém como eu, filho de um camponês de renda média, com a quinta série incompleta, boca grande e aparência estranha. Pensei muito e concluí que a carreira militar seria o único meio de sair da aldeia e mudar de vida. Entrar para o Exército podia ser difícil, mas ainda era mais fácil do que ser admitido na universidade. A partir de 1973, todo ano eu preenchia o formulário de inscrição e ia até a comuna fazer o exame médico, mas todo ano era reprovado. Em fevereiro de 1976, depois de passar por incontáveis meandros com a ajuda de muitos benfeitores, finalmente recebi o comunicado de admissão. Saí de madrugada, enquanto a neve caía grossa,

andei os 25 quilômetros até a vila, vesti a farda e subi num caminhão do exército que me levou ao condado de Huang. Ali, fui instalado na famosa Mansão da Família Ding, que servia de quartel, e comecei meu treinamento militar. Quando voltei àquele lugar, no outono de 1999, o condado tinha sido elevado à categoria de cidade e agora se chamava Longkou, e o quartel fora transformado em museu. O opulento palacete que eu tinha na memória me pareceu uma construção acanhada: sinal de que meus horizontes tinham se alargado. Concluído o treinamento, fui mandado, com mais três novatos, para uma tal "Unidade de Inteligência do Ministério da Defesa". Muitos conterrâneos invejaram minha sorte, mas a verdade é que quando cheguei lá, a decepção foi grande. A unidade não passava de uma estação de radiogoniometria prestes a ser desativada. Nossos superiores diretos ficavam na distante Pequim e a supervisão diária cabia, provisoriamente, à 34.ª Brigada do Comando da Guarnição de Penglai, estacionada no condado de Huang. Que supervisão, que nada! Bem que gostariam, mas não podiam, nem se atreviam. Nossa unidade era designada pelo número 263. "Falar da unidade 263 na Brigada 34 é motivo de desgosto: o comandante treme no posto, o comissário esconde o rosto." Esse versinho popular já basta para dar ideia do raio de lugar em que fui me meter. Deram-me duas tarefas: ficar de vigia e lavrar a terra. Só uma coisa me consolava: ali havia um caminhão idêntico ao do pai de Lu Wenli, mesmo modelo, mesma cor e mesma idade. Quem o dirigia era um oficial de uns quarenta anos chamado Zhang, um baixinho de cabelo grisalho e dentadura postiça. Nós o chamávamos Técnico Zhang. Estava no segundo casamento. A esposa atual morava com a filha do casal na cidade de Jinan. O filho do primeiro casamento morava com ele no quartel. Fanáticos por basquete, pai e filho viviam disputando arremessos na quadra. Quem perdesse tinha de rastejar, empurrando a bola com a cabeça, desde o círculo central até a tabela. Quando cheguei, era sempre o filho que rastejava no chão, sob a supervisão do pai. Um ano depois, a situação se invertera, e o pai fazia isso com mais frequência. Pois é, aquele menino tinha um nome estranho – Qinbing, ou Guarda-costas. Sempre que o pai se arrastava no chão, o menino pegava uma vara e batia sem piedade na bunda erguida do homem. A cada pancada, dizia: "Vamos! Rápido! Pare de ser como broto de feijão que cai na merda e se finge de

lombriga!”.

Eu já não nutria grandes aspirações. Aquela unidade pequena, com uma dúzia de pessoas, não oferecia nenhuma perspectiva de carreira. Quando ouvi os veteranos dizerem que um novato seria escolhido para aprender a dirigir com o Técnico Zhang, sonhei que essa sorte poderia cair na minha cabeça. Na aldeia, sempre tive de me contentar com ver o Gaz 51 do pai da Lu Wenli passar disparado diante de mim, levantando poeira. A única oportunidade em que tive contato mais próximo com o caminhão quase me custou a vida – o pai de Lu Wenli estacionou na frente da cooperativa de abastecimento e entrou para comprar cigarros. Aproveitando a ocasião, subi no para-choque e me segurei na boleia, cheio de curiosidade. O pai da minha colega voltou, entrou na cabine e arrancou. Sufocado por aquela nuvem de poeira, soltei as mãos para descer, mas me esborrachei no chão como um punhado de lama. Demorei para me levantar, de nariz inchado, rosto machucado e boca sangrando. Fiquei algum tempo atordoado, sem entender como aquilo tinha acontecido. Mais tarde aprendi que era efeito da inércia. Agora, toda semana eu viajava de Gaz 51 para trabalhar na fazenda, que ficava a dez quilômetros do quartel. Éramos dezesseis pessoas na nossa unidade, mas tínhamos dois hectares e meio de terra para lavrar. Nove oficiais se revezavam no plantão daquela máquina zumbidora, e a lavoura sobrava para os seis sentinelas. Dois vinham de Tianjin, mestres em papo furado, não moviam uma palha. Quem punha a mão na massa éramos eu e mais três. O Técnico Zhang pisava fundo na estrada da fazenda, uma pista de cascalho à beira-mar. Sentado no lugar do copiloto ia seu filho ou um dos oficiais. Nós viajávamos na boleia, segurando firme nas laterais, boné enfiado no bolso da calça, cabelos ao vento, distraídos e felizes. Ao lembrar que eu quase tinha morrido para experimentar a velocidade de um Gaz 51, concluí que tinha valido a pena entrar para o Exército. Ao volante, o Técnico Zhang perdia o juízo e virava praticamente um fora da lei. Não havia muitos carros naquele tempo. Não existia um centímetro de autoestrada no país inteiro. A melhor estrada, diziam, era aquela à beira-mar, construída durante a invasão japonesa, com uma largura que mal permitia a passagem de dois carros. Os ciclistas que encontrávamos pelo caminho eram engolfados pela nuvem de poeira que o caminhão levantava. Não raro

ouvíamos xingamentos vindos lá de trás. Os aldeões locais tinham mais pulso do que meus conterrâneos. O pai de Lu Wenli vitimara tantas galinhas, tantos cachorros na nossa aldeia e ninguém jamais criara tantos problemas para ele. Mas certa vez o Técnico Zhang atropelou uma galinha velha. A dona da galinha, uma senhora idosa, levando a defunta numa mão e a bengala na outra, achou nosso quartel, foi até a sala do chefe e descarregou toda sorte de impropérios enquanto batia com a bengala na porta. Fiquei sabendo mais tarde que ela tinha servido de inspiração para a miliciana protagonista do filme *Guerra de minas terrestres*. Seus dois filhos eram altos oficiais do Exército Popular de Libertação. "E vocês ainda se dizem Exército da Oitava Rota?", berrava, furiosa. "Nem mesmo os japoneses fizeram uma barbaridade dessas aqui na aldeia!" Nossos chefes apressaram-se em dar razão à senhora, curvaram-se para pedir desculpas e ofereceram dez iuanes de indenização. "Dez iuanes?", ela protestou. "Minha galinha botava um ovo por dia, com duas gemas, ou seja 365 ovos por ano, com duas gemas cada um. Cinco desses fazem meio quilo, que dá para vender por 5,80. Agora me digam quanto seria o total?" Depois de muito negociar, o comandante finalmente conseguiu despachá-la com vinte iuanes. Para nossa surpresa, ela voltou logo em seguida. Insistia em ver o motorista do caminhão. De seus lábios enrugados saiu o pedido: "Quero ver que tipo de homem é capaz de dirigir uma lata-velha como se fosse uma lebre que ouviu um tiro". Sem alternativa, o chefe me mandou buscar o Técnico Zhang. Assim que viu a senhora, Zhang ficou em posição de sentido e – pá! – bateu continência, o malandro. "Mãe revolucionária", disse ele, "o erro foi meu!" "Pois muito bem, então trate de se emendar!", respondeu ela. "De agora em diante, quando entrar na aldeia, reduza a velocidade para vinte quilômetros por hora, ou vou encher a estrada de minas e mandar você pelos ares, seu filho de uma égua!"

Algum tempo depois, ouvi dizer que o espertíssimo Zhang foi visitá-la com uma caixa de doces e pediu que ela fosse sua madrinha. Em 1979, dois meses antes de me mudar para Baoding, na província de Hebei, o Técnico Zhang foi transferido para o posto de assistente de logística no Comando Geral da Região Militar de Jinan, onde se reuniria à esposa, depois de anos de separação. Seu filho Qinbing foi admitido no Exército em caráter

excepcional aos quinze anos de idade. O menino entrou para o Corpo Artístico e estudou a arte narrativa de Shandong com o mestre Gao Yuanjun. Diziam que o primogênito daquela senhora era um alto oficial daquele distrito militar e que Zhang lhe devia a transferência e a promoção.

Sob vários aspectos, o Técnico Zhang não parecia um soldado. Ele usava o quepe enviesado, deixava a jaqueta desabotoada e andava com a ginga de um bandido de filme. Gostava de beber, mas era fraco para o álcool: com dois goles já estava bêbado. bêbado, cantava uma musiquinha indecente: "A segunda irmã sente falta do marido". Adorava flertar com as meninas da aldeia. Quando ia de caminhão para a cidade, sempre levava alguma moça de carona. Com uma delas, a Azaradinha, tinha uma relação especialmente próxima. Uma vez, o pai da moça queria vender na cidade oito leitões recém-nascidos; Zhang colocou os filhotes e a porca no caminhão e dirigiu com todo o cuidado até a feira de suínos na cidade. Apesar de todos esses defeitos, era um motorista extremamente zeloso do seu veículo. Sábado era dia de manutenção. Ele conhecia aquele caminhão como a palma de sua mão; só de escutar um ruído sabia dizer de onde vinha o problema. Se não fosse o cuidado do Técnico Zhang, nosso Gaz 51, que sobreviveu à chuva de balas da Guerra da Coreia, já teria virado ferro-velho havia muito tempo. Zhang me tratava bem e, nos dias de manutenção, sempre me chamava para ajudá-lo a lavar ou consertar o caminhão. Meus colegas novatos diziam que ele estava me treinando como seu sucessor, e eu mesmo pensava assim. Foi com o Zhang que aprendi como funciona um motor e entendi como um caminhão consegue correr daquele jeito. Contei a ele do Gaz 51 que o pai de Lu Wenli tinha na Fazenda Jiaohe. Zhang ficou surpreso: "Sempre achei que esta fosse a única dessas antiguidades ainda em funcionamento em toda a China, jamais imaginei que vocês tivessem outra lá na sua terra". Uma vez ele chegou a dizer: "Qualquer dia desses vou levar o caminhão até sua aldeia para os dois Gaz 51 se encontrarem". Para ele, o veículo também tinha alma. "Se uma árvore muito velha pode ter alma, por que não um caminhão crivado de balas e batizado com o sangue dos mártires?" E como seria um encontro entre dois caminhões com alma? Zhang dizia ser o nono motorista daquele veículo. O primeiro morrera ao volante como um herói. Uma bala inimiga, ou um estilhaço, quebrara o para-brisa e ferira fatalmente o bravo

motorista. Mesmo assim, antes de morrer ele conseguira tirar o caminhão da cortina de fogo e fumaça. O Técnico Zhang falou o nome e o local de nascimento de cada um de seus oito antecessores, como alguém que desfia a própria árvore genealógica. O caminhão, produzido em 1951 pela fábrica Górki, na União Soviética, era quatro anos mais velho que eu. Essa história gloriosa despertou em mim um respeito especial por nosso Gaz 51, que me fazia lembrar o que o pai de Lu Wenli dirigia. Para mim, eram como duas gêmeas separadas no nascimento – por que não irmãos gêmeos ou um menino e uma menina, não sei dizer, mas foi essa a ideia que veio primeiro e ficou. A imagem das gêmeas me fez pensar: minha vaga, na verdade, era no forte de Penglai, na Região Militar de Jinan, mas por obra do acaso eu viera trabalhar naquela pequena unidade subordinada ao Comando Geral do Estado-Maior. A probabilidade de isso acontecer era só um pouco maior que a de Lu Wenli mandar a bola de pingue-pongue para dentro da boca do professor Liu, e bem pouco maior. Depois de ouvir o Técnico Zhang contar a gloriosa história de seu veículo, entendi que o destino tinha me colocado naquela unidade insignificante com a missão de juntar as duas irmãs gêmeas separadas havia tanto tempo.

Em janeiro de 1978, o novo diretor comprou quarenta cestas de maçã e cem maços de alho-poró e pediu para o Técnico Zhang levar tudo de caminhão aos nossos superiores diretos, que ficavam numa área montanhosa nos subúrbios de Pequim, a 1 200 quilômetros da nossa estação, segundo o mapa. Para qualquer eventualidade no caminho, Zhang me escolheu como seu assistente. Era tudo o que eu queria. Partimos à meia-noite e previámos chegar ao destino no fim da tarde, mas o caminhão começou a apresentar problemas logo depois de passarmos por Weifang. Enquanto rodávamos a menos de cinquenta quilômetros por hora tudo bem, mas se acelerávamos mais que isso, o tubo de escapamento começava a estalar e soltar fumaça. O Técnico Zhang achou que podia ser um problema na transmissão de combustível. Meteu-se embaixo do caminhão com uma lanterna e não encontrou nada de errado, mas bastava acelerar que o problema voltava. Eram as horas mais escuras antes do amanhecer, fazia um frio de lascar, o solo estava coberto por uma camada de neve e gelo. Zhang estendeu um casaco esfarrapado no chão e enfiou-se embaixo do caminhão

para um exame minucioso. Em vão. De volta à cabine, ficamos fumando, acabrunhados. “Estranho”, murmurou ele, ”estranho demais! Ê, caminhão, meu amigo, o que deu em você hoje? Nesses mais de dez anos em que estamos juntos, eu por acaso fiz algo que não fosse digno da nossa amizade?” Ao ouvi-lo, arrepiei-me como quem vê assombração. Pensei logo no caminhão que o pai de Lu Wenli dirigia na Fazenda Jiaohe, a cem quilômetros de onde estávamos. A distância não era nada para um veículo motorizado. Será que os dois caminhões estavam ansiosos por se encontrar? Zhang continuava a murmurar: “Amigo, quebre esse galho para mim, vamos entregar a carga. Na volta para casa, passamos na Fazenda Jiaohe para você ver sua irmã...”. Zhang parecia ler meu pensamento.

O sol levantou-se vermelho no horizonte, os dois lados da estrada estavam cobertos de branco, podia ser neve ou geada, mas também podia ser solo alcalino. Com o motor falhando, chegamos a Shouguang e procuramos um lugar para comer. Era um vilarejo ermo e decadente com apenas uma rua, e nessa rua apenas um restaurante, que, segundo o aviso na porta de vidro, abriria às oito. Começaram a atender às nove, mas não tinham nada a não ser pão dormido. Como estávamos fardados, o atendente até que foi educado e se prontificou a requentar uns pãezinhos para nós. Ofecereu, de cortesia, uma garrafa de água quente e uma porção de picles. Na época, na compra de cada pãozinho ainda era preciso dar – além do dinheiro – um cupom de racionamento de grãos no valor de cem gramas. Mas eu só tinha cupons nacionais de valor alto, para os quais o atendente não tinha troco. Depois de consultar o chefe, ele decidiu aceitar trinta centavos em lugar de cada cupom de quinhentos gramas.

Em 2003, fui convidado a participar da Feira de Horticultura em Shouguang, que tinha se transformado numa cidade moderna, com uma floresta de arranha-céus e avenidas largas. Nas terras outrora desertas, agora enfileiravam-se estufas de plástico. Essas estufas modificaram o cardápio dos chineses, subverteram o ciclo de crescimento das plantas e alteraram os locais de cultivo. Dentro delas, os agricultores locais produzem frutas e legumes jamais vistos ou mencionados, arrancando exclamações de visitantes nacionais e estrangeiros.

De barriga cheia, voltamos à estrada. Como o velho Gaz 51 continuava

sem vontade de cooperar, o jeito era seguir bem devagar, soltando fumaça e estalos pelo caminho. A duras penas chegamos a Beizhen, sede administrativa do distrito de Huimin. Achamos uma oficina e pedimos a um velho mecânico que descobrisse onde estava o problema. De cabeça branca e sem dois dedos na mão esquerda, o velho mestre trabalhava com vigor e precisão admiráveis. Seus olhos brilharam ao ver nosso veículo: "Quem diria, uma relíquia dessas ainda rodando!". O Técnico Zhang estendeu-lhe um cigarro, queria fazer média. O homem tinha sido motorista na Guerra da Coreia e, por coincidência, camarada de armas do primeiro piloto do nosso caminhão, aquele herói morto ao volante. Emocionado, caminhava ao redor do Gaz 51, acariciava-o como um cavaleiro que, depois de anos, reencontra a montaria desaparecida. Entrou na cabine, deu uma dúzia de voltas no pátio da oficina e concluiu que o problema era na transmissão de combustível. Examinou cuidadosamente o motor, mas também não conseguiu localizar o defeito. "Está velho", disse, "vão precisar se virar com ele assim mesmo". Quando perguntamos quanto devíamos, ele abanou a mão e nos mandou embora. Voltamos à estrada, o barulho e a fumaça continuavam a cada acelerada. Zhang parou o veículo no acostamento, apoiou a testa no volante e ficou assim, imóvel. Depois de algum tempo, sugeri: "Técnico Zhang, que tal desmontarmos toda a transmissão para dar uma olhada? Será que o pessoal da Logística pôs alguma coisa quando levamos o caminhão para a revisão geral antes da viagem?". "Mas o que eles poderiam ter colocado? Estava tudo bem a oitenta quilômetros por hora no trecho entre o condado de Huang e Weifang!" Mesmo assim, Zhang desceu do caminhão e ficou olhando enquanto eu desmontava tudo. Quando cheguei ao filtro, tirei de dentro dele uma tampa de cerâmica. "Mas será possível?", gritou o Técnico Zhang. "Que porcaria é essa?" O mecânico do comando, com a melhor das intenções, tinha colocado no filtro uma tampa de cerâmica, mas os furos eram pequenos demais e bloqueavam a passagem do combustível, impedindo o caminhão de acelerar. Zhang pegou a peça e atirou-a com força ao chão, agarrou a chave inglesa e reinstalou a transmissão. Depois de limpar as mãos com um trapo, calçou as luvas, pulou para dentro da cabine, pisou no acelerador, e o caminhão correu solto, a sessenta quilômetros por hora, sem estouros, sem fumaça, tudo uma maravilha. "Que merda, quase

sufocam meu potrinho!", resmungou, mas estava animado como um peão galopando em seu cavalo.

Quando chegamos a Cangzhou, o sol vermelho já estava se pondo e tivemos de achar um lugar para pernoitar. A estalagem que encontramos estava cheia. Percebendo nosso cansaço, a atendente, uma gorducha bonachona, disse: "Camaradas soldados, se não se importarem, posso arrumar um lugar para vocês dormirem". Ela estendeu uns acolchoados no chão e ainda trouxe duas bacias de água quente para escaldarmos os pés. Ficamos sensibilizados com tanta gentileza. Zhang tinha apanhado um resfriado ao deitar na terra gelada para fazer o conserto. Tossia sem parar. Saí, achei uma farmácia, comprei um remédio e ajudei-o tomar. Fui dar uma olhada no nosso caminhão, encostado na rua, com a boleia coberta por uma lona. Dei uns tapinhas no capô e disse: "Dia puxado hoje, não?".

Naquela noite, dormimos um sono de pedra. Ao levantar na manhã seguinte, Zhang não estava mais resfriado. A gorducha nos informou que para o desjejum a estalagem só tinha bolinho frito, pão chato e sopa de arroz. Se nada disso fosse de nosso agrado, ela poderia ir comprar *jiaozi,*[1] mas só depois das oito. Dissemos que não precisava, e realmente ficamos saciados. De volta à estrada, em torno do meio-dia entramos em Pequim, depois de passar pelo condado de Tong. Na avenida Chang'an, bem no centro da cidade, Zhang aloprou e fez o velho Gaz correr mais rápido que todos os carros. Um policial de uniforme azul, braçadeiras brancas e cassetete parou o caminhão e nos deu uma bronca pelo excesso de velocidade. Zhang não parava de pedir desculpas, dizendo que era sua primeira vez em Pequim e que não conhecia muito bem as regras. Pequim, meu deus, estávamos em Pequim! Quem diria que um rapaz pobre de Gaomi pisaria o solo da capital nacional no dia 18 de janeiro de 1978 e veria todos aqueles carros brancos e pretos, e jipes verdes, todos aqueles prédios altos e edifícios enormes, todos aqueles estrangeiros narigudos de olhos azuis. A Pequim daquela época não era nem um décimo do que é hoje, mas para mim já parecia monstruosa e assustadora.

[1] Bolinhos cozidos, no formato de meia-lua. [N.T.]

Saímos da área urbana de Pequim e seguimos para o norte. Percorremos uma estrada sinuosa nas montanhas, atravessamos a Grande Muralha pela Passagem de Juyong e rodamos mais uma hora até finalmente estacionar o caminhão no quartel-general. O lugar todo se animou com a chegada da carga de maçãs e alho-poró. Depois de descarregar tudo, colocaram na carroceria uma mesa de pingue-pongue, quatro bolas de basquete, dez rifles de madeira com baioneta para treinamento, quatro conjuntos antibaioneta, vinte granadas com cabo de madeira para treinamento e dois capotes de couro para sentinelas. Com isso estávamos prontos para partir. Na ida éramos dois, mas na volta tínhamos uma companhia: o novo motorista da estação, Tian Hu. Recrutado em 1977, ele acabara de concluir seu treinamento para motorista. Natural de Yishui, na província de Shandong, tinha cara de criança, com olhos grandes e dentes brancos.

Não era sempre que se encontrava uma oportunidade de ir a Pequim, e ninguém poderia garantir que teríamos outra chance dessas na vida. Seria uma pena ver a cidade assim, só de passagem. Antes de partir, explicamos a um diretor encarregado de assuntos logísticos que gostaríamos de ficar na capital mais alguns dias, ou um dia que fosse, só para tirar uma foto na Praça da Paz Celestial e fazer valer a viagem. Sem hesitar, o chefe nos deu uma autorização para três dias de estadia e nos ajudou a contatar um albergue do Exército. Naquele tempo, como não tínhamos carteira de identidade civil ou militar, era preciso apresentar uma carta de recomendação para poder pernoitar numa hospedaria. O chefe nos deu três formulários de carta de apresentação em branco, mas devidamente carimbados, para usarmos no caminho, caso necessário.

Fomos primeiro à praça e entramos na fila para tirar uma foto no Portão da Paz Celestial. Depois entramos na fila do Mausoléu do Presidente Mao para prestar nossas reverências. Enquanto contemplava o presidente deitado em seu sarcófago de vidro, lembrei de quando chegara a notícia de sua morte, dois anos antes. A sensação fora de que o mundo desmoronava e o chão se abria sob nossos pés. Acordamos para o fato de que não há

imortais neste mundo. Nem em sonho imaginávamos que o presidente Mao morreria um dia, mas acontecera. Acreditamos, naquele momento, que a morte dele seria o fim da China. Dois anos mais tarde, o país não apenas sobrevivera como melhorava a cada dia. As universidades voltaram a fazer exames de admissão, proprietários de terra e camponeses ricos deixaram de ser estigmatizados, agricultores passaram a ter mais grãos em casa e até os bois das equipes de produção engordaram. Mesmo uma pessoa como eu já podia tirar uma foto na Praça da Paz Celestial e ver de perto o corpo embalsamado do presidente Mao. Nos dois dias seguintes, visitamos o Parque Beihai, o Templo do Céu e o Museu de História Natural, onde fiquei impressionado com um gigantesco esqueleto de dinossauro. Fomos ainda à Cidade Proibida, ao Parque Jingshan, ao Palácio de Verão, ao Jardim Zoológico e a Wangfujing, a rua comercial mais movimentada da cidade. Numa loja de departamentos em Xidan comprei três bolsas pretas de couro sintético, uma para mim e duas para meus companheiros de armas. Comprei também um lenço cor-de-rosa para minha noiva. Ela me fora apresentada por um parente distante quando eu trabalhava na fábrica de processamento de algodão. Eu titubeara por um momento e ele se zangara: "Deixe de bobagem! Tem um porco cevado fuçando na sua porta e você acha que é um vira-lata arranhando a soleira!".

Mais tarde, essa pessoa confessou que me apresentara a moça porque meu tio era contador da fábrica. Com essa conexão, ele esperava conseguir permanecer no emprego. Depois do nosso casamento, minha esposa me contou que antes de nos conhecermos um tal de Liu, membro permanente do comitê do Partido na comuna, queria apresentá-la ao sobrinho do vice-secretário, mas ela recusara por achar os olhos dele pequenos demais. Depois que oficializamos o noivado, Liu comentou com ironia: "Você reclamou dos olhos pequenos do sobrinho do secretário Guo, agora conseguiu um noivo de olhos bem grandes!". Ao que ela respondeu: o sobrinho do secretário Guo tem olhos pequenos e baços, Mo tem os olhos pequenos mas cheios de vida, é diferente!". Anos depois, quando eu já desfrutava da imerecida reputação de escritor, Liu dizia a todos que minha esposa tinha tino para avaliar as pessoas.

Fomos ainda a um restaurante em Xidan e ficamos duas horas na fila

para comer uma porção de *jiaozis* feitos a máquina, recheados com carne bem gorda, daqueles que espirram óleo a cada mordida. A máquina funcionava atrás de um balcão baixo. Do lado de cá do balcão havia umas dez mesas. Para mim, aquilo era uma grande invenção, bastava colocar farinha, água e carne de um lado e os *jiaozis* saíam prontos do outro lado, caindo um atrás do outro numa panela de água borbulhante. Era extraordinário! Quando voltei para casa, contei tudo a minha mãe, que não acreditou em uma palavra do que eu disse. Pensando bem, os *jiaozis* de máquina tinham massa grossa e pouco recheio. Metade se desfazia na panela. Não eram nem bonitos, nem saborosos. Mas, naquela época, comer aqueles *jiaozis* de Xidan já era algo de que se gabar em casa. Hoje em dia, ninguém mais quer saber de *jiaozi* de máquina, e os restaurantes fazem questão de colocar um aviso garantindo que a iguaria é feita a mão. E o recheio vegetariano superou o gorduroso na preferência popular. Isso ilustra bem como as coisas mudaram.

No caminho de volta, Zhang passou a direção para Tian Hu e se espremeu comigo no assento do copiloto. A chegada de Tian acabou com meu sonho de virar motorista. Percebendo meu desânimo, Zhang murmurou: "Mo, você tem talento para a literatura. Trabalhar como motorista de caminhão seria um desperdício, seria como derrubar um mosquito com uma bateria antiaérea. Tenha mais paciência, a sorte vai lhe sorrir um dia". Aquilo me trouxe algum consolo. Pensando no futuro, voltei a me sentir perdido. "Fiz todo o esforço para me livrar de um jugo, mas será que, passados dois anos, voltarei à estaca zero sem conseguir nada? Não, não quero voltar. Vou lutar! Vou batalhar com todas as forças!"

Em Pequim, sonhei que o Técnico Zhang me levava de caminhão até minha aldeia e estacionava ao lado do caminhão do pai de Lu Wenli, no pátio em frente a nossa escola. Os dois Gaz 51 estavam enfeitados com faixas vermelhas e uma grande flor de seda vermelha no capô. A banda marcial da escola tocava as trombetas e rufava os tambores. Muitos alunos dançavam, num movimento simples mas ritmado, agitando faixas de seda. Mais tarde, quando caiu a noite e todos se recolheram, fui sozinho ao pátio sob um luar prateado e vi os dois veículos se comportando como dois cachorros, encostando os focinhos para se reconhecer pelo faro. Davam, de vez em

quando, uns gritos sonoros, como dois burros que se reencontram depois de muito tempo. Recuaram dezenas de metros e avançaram um na direção do outro até tocar os focinhos. Depois de repetir esse movimento três vezes, o caminhão do pai de Lu Wenli empinou e saiu em disparada, seguido de perto pelo nosso. Os dois Gaz 51, um atrás do outro, deram voltas no pátio como um burro macho correndo atrás de uma fêmea. Foi nesse momento que entendi: eles não eram gêmeos, eram namorados! Correram um atrás do outro, se acasalaram e tiveram filhotes... Contei o sonho para o Técnico Zhang e Tian. "Parece que vamos ter de ir à Fazenda Jiaohe", disse Zhang. "Meu pai teve um sonho desses e sofreu um acidente no dia seguinte", preveniu Tian – o pai dele também era motorista. "Vira essa boca para lá, calouro!", cortou o Técnico Zhang.

É bem provável que a observação agourenta de Tian tenha deixado Zhang receoso. Quando chegamos a Weifang, ele já tinha outros planos. Passava das nove da noite, o céu estava tomado de estrelas. Zhang disse: "Mo, já estamos fora há muito tempo. Esses dias minhas pestanas andam tremendo, estou agoniado, com medo de algo ruim acontecer a meu filho. Posso levar você até a estação de Weifang, dali você volta para casa de trem. Vou pedir a licença por você, deixa comigo". Eu e Tian voltaremos ao quartel pela estrada Yan-Wei.

Entendi o que ele sentia. Ia por água abaixo o espetáculo grandioso que eu tantas vezes imaginara: entrar na minha aldeia num Gaz 51. Isso me deixou bastante triste. Mas ter a primeira chance de visitar a família depois de dois anos no Exército não era de se desprezar. Zhang e Tian me deixaram na estação de Weifang e foram embora. Acompanhei com os olhos o caminhão se afastando até a luz vermelha de sua lanterna traseira sumir de vista, e só então entrei para comprar minha passagem.

Foi a segunda viagem de trem da minha vida. A primeira tinha sido numa primavera, aos dezoito anos, quando acompanhei meu irmão mais velho e meu sobrinho até Qingdao, onde eles pegariam um barco para Xangai. Passeio de trem era um evento solene, algo de que pude me gabar por muito tempo depois de voltar de Qingdao. Agora estava tão animado quanto da primeira vez. O trem superlotado tinha um cheiro de urina no ar. Dois homens brigaram por um lugar no banheiro, um acabou com o nariz

sangrando e o outro com a orelha machucada. Naquela altura eu estava achando tudo isso perfeitamente normal. Para vencer os cento e poucos quilômetros entre Weifang e Gaomi, o trem chacoalhou bem mais de três horas. Em 2008, a distância de oitocentos quilômetros entre Pequim e Gaomi era percorrida em pouco mais de cinco horas pelo expresso Harmonia.

Era madrugada quando o trem chegou à estação de Gaomi, o alvorecer coloria o céu. À saída da estação, uma loja que vendia bolinhos fritos e leite de soja tocava uma melodia *maoqiang*, um estilo de ópera local, que eu não escutava havia muito tempo. Era um famoso adágio cantado por um personagem velho, com voz desolada e trêmula. Meus olhos se encheram de lágrimas. Dias atrás, mencionei o incidente durante minha participação num programa sobre *maoqiang*, produzido pelo canal de ópera da TV Central. Comprei meia dúzia de bolinhos fritos, uma tigela de leite de soja e fiquei ali, escutando e comendo. Pequenos restaurantes se enfileiravam nos dois lados da praça. Seus funcionários chamavam os clientes a plenos pulmões. Dois anos antes, só havia por ali um restaurante estatal com atendentes broncos. Agora, os restaurantes particulares tinham entrado na concorrência. Em mais alguns anos, empreendimentos privados brotariam como bambu após chuva de primavera, enquanto fechavam as portas os restaurantes, as cooperativas de abastecimento e as lojas estatais ou coletivas.

Embarquei num ônibus para a aldeia Nordeste e só cheguei às três da tarde. Ver minha casa caindo aos pedaços e meus pais envelhecidos me deixou desesperado. Contei a eles como andavam as coisas na unidade de trabalho: a porta para a promoção estava fechada para mim, minhas chances de aprender a dirigir haviam minguado, o melhor que poderia me acontecer seria voltar para casa em dois anos mais. Minha mãe disse: “Achei que você conseguiria ajeitar sua vida...”. “A sorte não me ajudou”, falei, “fui parar numa unidade dessas. Se fosse num Exército de Operações, eu já seria oficial”. “Não adianta falar mais disso”, concluiu meu pai, “você está vendo como estão as coisas em casa. Volte lá e faça o melhor que puder, sem poupar suas forças. Tem gente que morre de doença, mas trabalho duro não mata ninguém. Se você trabalhar sem medir esforços, um dia será notado

por seus superiores. Mesmo sem ser promovido nem aprender a dirigir, precisa achar um jeito de se filiar ao Partido. Seu pai foi um seguidor leal do Partido Comunista a vida inteira, queria me filiar nem que fosse em sonho, mas ninguém me deu essa chance. E acho que nunca terei essa chance na vida, minha esperança está em vocês. Filiado ao Partido, quando você for desmobilizado conseguirá pelo menos salvar um pouco de sua dignidade."

4

Assim que voltei à unidade o diretor me procurou para dizer que nossa estação ganhara uma vaga no concurso de admissão ao Instituto Politécnico do Exército Popular de Libertação em Zhengzhou e que, após deliberação, a chefia decidira que eu deveria me preparar para o exame. Minha cabeça começou a zunir. Meu cérebro parou por um longo momento. Lembro muito bem que o almoço daquele dia tinha um cardápio especial: uma cabeça-de-leão[1] para cada um. Era um quitute raro na época, mas, na minha boca, ele parecia um pedaço de cera. Pela primeira vez na vida eu estava comendo carne sem sentir que gosto tinha. Por quê? A chefia só me escolhera porque acreditava que eu tinha terminado o colegial. Na verdade, eu nem concluíra a quinta série. Podia me virar em chinês e política, mas era um desastre em matemática, física e química. O curso designado, Manutenção de Terminais de Computador, estava muito além da minha capacidade. Só que eu não podia revelar isso a ninguém, ou estaria perdido. Sem alternativa, tinha de aceitar a proposta mesmo a contragosto. Havia na estação um técnico de rádio da minha idade chamado Ma, natural de Hunan, boa-praça. Para me animar, contou-me que, até onde sabia, a vaga tinha sido criada justamente para favorecer as estações de campo, e o exame era só uma formalidade. Para ser admitido, bastava não entregar a prova em branco. "Mas nem sei fazer as quatro operações básicas de aritmética nem cálculos com frações", falei. "Posso lhe ensinar", respondeu ele, "não existe nada que alguém inteligente como você não seja capaz de aprender. E ainda tem seis meses para se preparar." Assim decidi enfrentar a maior batalha da minha vida. Escrevi para a família pedindo que me enviassem todos os livros didáticos usados por meu irmão mais velho no Ginásio e no Colegial. Todas as noites tinha aula com o Técnico Ma. Com a autorização da chefia, colocaram uma escrivaninha e uma cadeira no depósito de ferramentas, onde eu podia estudar quando não estava de plantão. Para que eu pudesse me concentrar nos estudos, um soldado, recrutado em 1977, assumiria temporariamente minhas funções como vice-chefe das sentinelas.

Meu irmão foi o primeiro estudante universitário da aldeia Nordeste de

Gaomi. Eu vi o orgulho que ele trouxe para a família, por isso desde pequeno sempre sonhei em estudar numa universidade. Tinha chegado a oportunidade de realizar esse sonho. Mas seria um desafio formidável aprender em seis meses, e só nas horas vagas, todo o conteúdo de matemática, física e química do colegial. Eu não tinha tempo para resolver os exercícios, o que podia fazer era ler as lições e, entendida a explicação, passar para a próxima. Tinha de engolir todas aquelas fórmulas com casca, caroço e tudo. As paredes do depósito ficaram forradas de fórmulas escritas a lápis. Eu me debatia entre a esperança e o desespero. Principalmente desespero: a esperança era cada vez mais remota. Àquela altura eu andava magro, abatido e desgrenhado. Parecia um condenado, no dizer de nosso comissário político. Já era agosto quando ele me chamou e disse: "Acabei de receber um telefonema do nosso superior informando que a vaga foi cancelada. Espero que você encare isso da maneira apropriada". A notícia me trouxe ao mesmo tempo alívio e frustração. O comissário divulgou a decisão numa reunião plenária e anunciou também a restituição do meu cargo de vice-chefe das sentinelas. Como havia uma campanha de escolarização no Exército, ele me pediu para dar aulas de matemática aos soldados. Nisso percebi o quanto havia aprendido em seis meses. Mais tarde, numa viagem de inspeção, um oficial do nosso comando superior assistiu a minha aula de trigonometria e ficou bastante impressionado. Possivelmente por causa daquela aula consegui o cargo de professor no batalhão de treinamento em Baoding.

O sonho da universidade podia ter ido por água abaixo, mas o da literatura ganhava cada vez mais fôlego. Naquele tempo, um simples conto bastava para criar fama instantânea. Assinei duas revistas: *Literatura Popular* e *Arte e Literatura do Exército Popular de Libertação*. A partir de setembro de 1978 comecei a estudar criação literária. Meu primeiro trabalho foi um conto chamado "Mamãe". Depois, escrevi "O divórcio", um drama em seis atos. O carteiro que entregava as correspondências em nossa unidade era um baixinho chamado Sun, de meia-idade, com um defeito no olho esquerdo. Era conhecido como Velho Sun, mas uns oficiais gozadores o chamavam pelas costas de Dragão Caolho. Toda vez que eu escutava o barulho de sua moto, meu coração disparava, esperando boas notícias dos dois

manuscritos enviados. Entretanto, a melhor notícia que recebi foi uma carta de recusa, escrita a mão, da editora de Letras e Artes do Exército Popular de Libertação. Dizia que "O divórcio" era demasiado longo e sugeria que eu tentasse outras editoras. Na véspera de minha mudança para Baoding, achando que era hora de me livrar de toda aquela carga e iniciar um novo capítulo na vida, queimei os dois manuscritos no fogão. Quando visitei a estação, em 1999, o quartel tinha virado granja. Fui conferir o antigo depósito e achei ali, bem desbotadas, as fórmulas de matemática, física e química que eu tinha deixado nas paredes.

---

[1] Espécie de almôndega de carne suína. [N.T.]

5

1979 foi um ano marcante, tanto para o país quanto para mim. Primeiro houve o contra-ataque à ofensiva vietnamita, lançado em 17 de fevereiro. Duzentos mil soldados chineses romperam a fronteira do Vietnã em duas frentes, Guangxi e Yunnan. No dia seguinte, enquanto tomávamos o café da manhã, o rádio já contava os feitos heroicos do soldado Li Chengwen, que dera a vida para bombardear uma fortificação inimiga. Muitos companheiros recrutados no mesmo ano que eu já tinham sido enviados para a batalha. Eu os invejava de todo o coração. Quem me dera um dia ter a oportunidade de ir ao front e me tornar um herói. Se passasse incólume, sairia com méritos e ganharia uma promoção. Se morresse, meus pais seriam tratados como familiares de mártir, o que mudaria o *status* político da minha família e faria valer a pena terem me criado. Na verdade, eu não era o único com esse tipo de raciocínio. Era um pensamento muito simples, muito ingênuo, mas refletia a mentalidade distorcida que tínhamos nós, filhos de camponeses de renda média, alvos da opressão política. Uma morte gloriosa era muito melhor do que uma existência sem sentido. Com a guerra, até mesmo uma unidade como a nossa deixou de lado sua indisciplina crônica. Exercícios físicos, treinos, vigilância, lavoura: tudo era feito com diligência e esforços redobrados. Mas a guerra acabou logo e tudo voltou a ser como antes.

Mais tarde, no final de junho daquele ano, a chefia me autorizou a voltar à aldeia e me casar. A cerimônia foi realizada em 3 de julho, um dia de muita chuva. Enquanto estava de licença, encontrei vários companheiros de armas que voltavam da guerra, todos condecorados e dois promovidos. Que inveja! Mas o que me esperava? Talvez em alguns meses chegasse a minha vez de ser desmobilizado e voltar para casa.

No dia seguinte ao casamento fui à Fazenda Jiaohe de bicicleta com a desculpa de visitar colegas de escola. Na verdade, o que eu queria era ver o Gaz 51 do pai de Lu Wenli, que quase me matara. Achei o caminhão no estacionamento da fazenda. O pai de Lu Wenli estava ocupado pintando a lataria. Cheguei mais perto, tirei um maço de cigarros e lhe ofereci um.

“Mestre Lu”, falei, “ainda me reconhece?” Ele sorriu e abanou a cabeça. “Fui colega de classe de Lu Wenli na escola primária, meu sobrenome é Mo. Sou Mo Xie.” “Ah, agora sim eu lembro”, respondeu ele, “uma vez estacionei o caminhão na sua aldeia, você abriu a porta e me roubou um par de luvas.” “Não fui eu”, corrigi, “foi He Zhiwu. E além de roubar suas luvas, ele esvaziou seus pneus.” “Pois é, aquele rapaz”, disse ele, “sei quem foi. Desde pequeno era uma peste, dali não saía nada que prestasse. Ele esvaziou os pneus e ainda levou as válvulas. Depois veio conversar comigo, dizendo que queria pedir emprestados minha farda e meu quepe. Se eu não emprestasse, ele encheria a rua de estrepes para furar os meus pneus”. Aquilo me fez lembrar a cena de uns dez anos antes, quando o Gaz 51 parou na nossa rua com quatro dos seis pneus furados. O pai de Lu Wenli ficou furioso e descarregou todos os xingamentos que sabia. Para a diretoria da escola, um dos principais suspeitos era eu, e por isso fui interrogado horas a fio. O professor Liu Boca Grande até balançou na minha frente um gancho de ferro em brasa, exigindo uma confissão. Mas como eu não tinha feito nada errado, consegui manter perfeita compostura perante a ameaça.

Perguntei sobre Lu Wenli. “Conseguiu um emprego na fábrica de borracha do distrito”, respondeu ele. “Não seria melhor trabalhar aqui mesmo na fazenda?”, questionei. “Afinal de contas, a fazenda é estatal e a fábrica é coletiva.” Ele ficou surpreso: “Então ainda não sabe? Agora somos administrados pelo distrito, até os terrenos serão arrendados. De agora em diante, não vejo mais diferença entre nós e os camponeses”. Apontei para o caminhão pintado pela metade e as máquinas enferrujadas no estacionamento: “O que vão fazer com tudo isso?”. “Vamos vender o que for possível e deixar o resto virar sucata”, respondeu ele. “E o Gaz 51? Vão vender também?”, perguntei. “Outro dia o tal He Zhiwu mandou um telegrama da Mongólia Interior oferecendo oito mil iuanes por este caminhão velho. O rapaz deve estar biruta. Com mais cinco mil ele compra um Jiefang novinho em folha. O que você acha, será que ele está querendo me passar a perna?” Num turbilhão de emoções, pensei: “He Zhiwu… He Zhiwu, o que esse seu cérebro privilegiado está maquinando desta vez? Se já pode gastar tudo isso num carro, então quer dizer que ficou rico. Mas para que comprar um caminhão velho e banguela? Vai gastar uma fortuna só por nostalgia?”.

“Mestre Lu”, disse eu, “também não entendo muito bem por que ele quer fazer isso. Mas tenho certeza de que ele não vai lhe passar a perna.” “Seja como for, se quiser mesmo comprar o caminhão, não vou saber o que fazer. Você sabe há quantos anos dirijo este Gaz. Já estou apegado a ele.” Ao dizer isso, o pai de Lu Wenli deu mais umas pinceladas na lataria e me perguntou: “Moço, onde você está lotado?”. “No condado de Huang”, respondi. “Deve ser sob o Comando da Guarnição de Penglai. é da 34.ª Brigada?” “Somos subordinados ao Comando Geral do Estado-Maior, mas a supervisão diária é com a 34.ª”, expliquei. “O comandante Xu, lá da 34.ª, foi meu companheiro de armas. Ele era oficial de treinamento na brigada quando eu era capitão da companhia.” “Que coincidência! O comandante Xu nos deu uma palestra”, falei animado. “Quer que eu leve algo para ele? Marquei minha volta para depois de amanhã.” “Xu é um poderoso comandante da brigada”, disse Mestre Lu meio triste, “e eu sou um reles motorista de caminhão, vai parecer bajulação.” Eu ainda ia dizer alguma coisa, mas ele voltou se ocupar da pintura. Eu sabia o que tinha acontecido com ele. Ao voltar da guerra na Coreia, fora promovido a capitão e nomeado comandante de uma companhia. Tinha um futuro promissor. Porém, infelizmente, como muitos jovens de sucesso, tornou-se prepotente, não conseguia segurar as próprias calças, e assim arruinou o que poderia ter sido uma brilhante carreira militar.

No dia do meu retorno à unidade, fiz questão de ir à vila de manhã bem cedo para comprar a passagem de ônibus. Ainda tinha duas horas até a partida. Na época, a vila era bem pequena; a passos rápidos, cheguei à fábrica de borracha em meia hora. Perguntei por Lu Wenli ao porteiro. O velho respondeu emendando outras perguntas: “Deve estar no turno da noite. você é o quê dela? O que quer com ela?”. Contei que ela fora minha colega de escola e que, como estava de passagem em visita familiar, queria aproveitar para vê-la. Talvez pelo fato de eu ser militar, o velho ofereceu: “Quer que eu vá chamá-la para você?”. “Ficaria muito agradecido”, respondi. “Vigie a portaria para mim, vou procurá-la”, disse o porteiro. Eu não parava de levantar o pulso para ver as horas – tinha tomado emprestado de um companheiro um relógio Zhongshan de trinta iuanes –, com medo de perder o ônibus. Depois de muito tempo, o velho voltou com ela. Vinha arrastando

os chinelos, com um paletó curto jogado sobre os ombros e uma calça de pijama vermelha. Tinha os cabelos despenteados e os olhos sonolentos, bocejava sem parar. Dei logo um passo em sua direção, chamei seu nome. Ela me olhou de cima a baixo e disse, indiferente: "Ah, é você? O que quer comigo?". Muito sem jeito, respondi: "Nada... estou voltando para a unidade... viajo daqui a algumas horas... queria aproveitar para visitar a colega... outro dia fui à Fazenda Jiaohe e vi seu pai. Ele me contou que você trabalha aqui...". "Se é só isso, então me deixe voltar para a cama", disse ela, impaciente. Virou as costas e foi embora. Vê-la se afastar me deixou deprimido.

Menos de dois meses após meu regresso recebi a ordem de transferência para a brigada de treinamento em Baoding. Meu conterrâneo, aquele que me emprestara o relógio Zhongshan para usar no casamento, exclamou: "Parece que um casamento de fato dá sorte. Eu também preciso voltar logo para a aldeia e me casar". Antes da viagem, fizemos um jogo de basquete entre sentinelas e oficiais. Eu estava com a mão boa naquele dia, era só lançar a bola que ela entrava na cesta. Foi a melhor partida de basquete da minha vida.

No dia 10 de setembro, parti com o Técnico Ma, que ia a Pequim numa viagem a trabalho. Tian Hu nos levou de Gaz 51 à Estação Ferroviária de Weifang. Até a próxima, Gaz 51! Mas não houve próxima vez, foi um adeus. Nunca mais vi o caminhão. Onde estaria sua sucata? E aquele Gaz 51 que o pai de Lu Wenli dirigia, dizem na minha aldeia, foi mesmo comprado por He Zhiwu. Ele deu várias voltas com o caminhão pelas ruas e pelo pátio na frente da escola. Realizou seu sonho de um dia "ser o pai de Lu Wenli". Depois disso, desapareceu na poeira que levantou.

Ao chegar a Baoding, assumi a função de monitor de uma turma de treinamento para recrutas recém-formados no colegial. Era um curso profissionalizante de dois anos, o que conferia a seus graduados uma patente de capitão com o 23.º nível administrativo. A especialidade deles tinha um nome bem comprido, mas na prática não era nada mais que colocar um fone de ouvido e transcrever mensagens telegráficas.

Um mês depois, quando o treinamento terminou, mantiveram-me na brigada como funcionário do arquivo de documentos confidenciais. Mais

tarde assumi a função de instrutor político, para dar aulas de filosofia e economia política aos calouros. Embora não tivesse nenhum conhecimento desses dois temas, nada é impossível para quem se esforça. Foi bem puxado para mim no início, mas depois de um semestre já estava dando conta. Nesse momento as minhas aspirações literárias, que nunca tinham se apagado totalmente, ressuscitaram. Depois de vários fracassos, finalmente consegui, em setembro de 1981, publicar o conto "Noite de chuva na primavera" na revista *Lago de Lótus*, de Baoding. Na primavera seguinte, o conto "O soldado feio" também saiu na mesma revista. Um soldado que desempenhava funções de oficial e era capaz de explicar aos alunos os princípios do marxismo até ficar rouco – e, além disso, ainda sabia escrever ficção – certamente acabaria chamando atenção. No dia 3 de novembro de 1981 nasceu minha filha. Na hora de escolher um nome para ela, meu irmão mais velho, que na época trabalhava em Hunan, sugeriu Ailian (amor aos lótus), porque meu primeiro conto tinha sido publicado na revista *Lago de Lótus* e também por causa do famoso ensaio "Do amor aos lótus", escrito por Zhou Dunyi na dinastia Song. Como tudo aquilo me soava muito banal, escolhi o nome Xiaoxiao, uma pequena flauta de bambu. Quando minha filha entrou na escola primária, a professora achou aqueles caracteres complicados demais e mudou a grafia para "Sorriso", que tem o mesmo som, mas é muito mais fácil de escrever, e assim ficou até hoje.

Em pleno verão de 1982, enquanto passava férias em casa, chegou a notícia de que eu tinha sido promovido a oficial em caráter excepcional, graças à ajuda de muitas pessoas no escalão superior. A ordem de minha nomeação como oficial comissionado de treinamento ainda deve estar no meu dossiê. Lembro-me muito bem de que foi meu pai que me trouxe a carta. Assim que lhe comuniquei a boa notícia, vi em seus olhos uma luz que me aqueceu e me causou certa tristeza. Sem dizer nada, ele pôs a enxada no ombro e tomou o caminho da lavoura. A reação do meu pai fez com que eu me lembrasse de um velho parente que morava na aldeia vizinha. Ao saber que o filho tinha sido promovido, ele saíra pela aldeia batendo num gongo e gritando: "Meu filho virou oficial! Meu filho virou oficial!". A discrição do meu pai me fez entender de fato sua personalidade, seu caráter e sua experiência.

No outono de 1984, passei no exame e fui admitido pelo Departamento de Literatura do Instituto de Artes do Exército Popular de Libertação. Logo em seguida, a história "Cenoura transparente" me trouxe fama e, pouco depois, a publicação de *Sorgo vermelho* teve grande repercussão. Nas férias de verão de 1986, enquanto fazia compras numa feira da vila, encontrei Wan, um morador da aldeia vizinha. Ele segurou meu braço e gritou, com os olhos arregalados: "Dizem que você ficou rico! Vendeu um romance seu por um milhão?". Nos dias de hoje, uma obra bem que pode render um milhão, mas, naquele tempo, era puro disparate. Antes que eu pudesse explicar, ele continuou: "Não se preocupe, não vou lhe pedir dinheiro. Meu filho passou no exame e vai estudar nos Estados Unidos. Em alguns anos, vou estar cheio de dólares".

No outono de 1987, Zhang Yimou chegou a Gaomi com Gong Li, Jiang Wen e toda a sua equipe para filmar *Sorgo vermelho*, que naquela altura ainda tinha o título de *Qingshakou 9-9*, em referência a um incidente sangrento ocorrido no nono dia do nono mês lunar num lugar chamado Qingshakou. Esse era o título escrito em vermelho na van que o grupo usava. Por que só adotaram o título *Sorgo vermelho* depois de terminarem a produção do filme? Não perguntei, nem me disseram. Naquele tempo, uma filmagem era uma tremenda novidade para o povo da aldeia Nordeste de Gaomi. Desde o início dos tempos, nunca tinha sido gravada uma única cena num lugarejo remoto como o nosso. Antes de começar o trabalho, convidei o elenco para jantar lá em casa. Zhang Yimou e Jiang Wen vieram com a cabeça raspada e sem camisa, a pele queimada de sol. Gong Li vestia uma roupa de tecido rústico e usava um penteado típico das camponesas. Sem maquiagem, parecia uma moça comum, em nada diferente das nossas aldeãs. Para meus conterrâneos, que acreditavam que uma atriz seria como uma fada caída do Paraíso, Gong Li foi uma decepção. Quem diria que dali a pouco mais de uma década ela se tornaria uma grande estrela internacional, delicada, elegante, graciosa, encantadora. No dia em que começaram as filmagens, o local ficou apinhado. Teve gente do povo que veio pedalando de outras aldeias, a dezenas de quilômetros de distância, e gente do governo que veio de carro oficial. Todos chegaram animados e saíram desapontados.

O elenco ficou na hospedaria da aldeia, cujos quartos, como era de praxe

nos albergues dessa categoria, não tinham ar-condicionado nem banheiro privativo. Os atores da época não eram tão exigentes nesse aspecto quanto seus colegas de hoje. Quando a equipe foi embora, um amigo me disse: "Muitas pessoas tiveram má impressão dos atores, especialmente de Jiang Wen, que passou quatro horas numa ligação interurbana". "Mas ele pagou a conta?", perguntei. "Claro que pagou", respondeu ele. "Já que foi pago, por que você acha que isso é um problema?" Hoje em dia, provavelmente ninguém se importaria com uma coisa dessas. Avançamos de forma significativa desde aquele interesse generalizado pela vida alheia até a proteção à privacidade que temos hoje. Não muito tempo atrás, vi na tevê um ator de cinema da década de 1980 reclamar da injustiça que sofrera ao ser condenado a dez anos de prisão por "conduta imoral". Ele não fez nada mais do que manter relações sexuais consentidas com várias mulheres, só que na época isso era considerado crime grave e causou sensação no país inteiro. A maioria das pessoas estava convencida de que ele era culpado, e ninguém achou inadequada a sentença para o que ele tinha feito. Se julgássemos os homens e as mulheres de nossos dias de acordo com o padrão de então... de quantas cadeias precisaríamos?

Quando vi o caminhão velho que a equipe de filmagem tinha arranjado não sei onde, logo me lembrei do Gaz 51 que o pai de Lu Wenli dirigia e que foi comprado por He Zhiwu. A cor e a aparência eram similares, mas, ao conferir de perto, vi que o capô era diferente. Diziam que He Zhiwu estava na Mongólia Interior. Será que o Gaz 51 ainda estava com ele?

6

Em agosto de 1988 fui admitido num programa de pós-graduação em literatura organizado em conjunto pela Universidade de Pedagogia de Pequim e pelo Instituto Lu Xun de Literatura. A notícia não me soou tão arrebatadora como em 1984, quando fui aceito pelo Instituto de Artes do Exército Popular de Libertação. Naquele momento a carta de admissão me deixara radiante porque eu enfim realizaria dois sonhos ao mesmo tempo: entrar para a universidade e me dedicar à literatura. Mas desta vez estava entrando num mestrado. Como agora gozava de alguma fama, por pequena que fosse, já tinha conhecimento suficiente sobre a carreira literária para saber que o mais importante para um escritor é a sua obra, e não seu currículo acadêmico ou diploma. Por isso, de início tive preguiça de fazer o curso. Depois alguém me disse que eu precisava ter uma visão de longo prazo e que poderia aproveitar a oportunidade para aprender um pouco de inglês, algo que me seria muito útil. O argumento me convenceu. De fato, estudei com afinco por dois meses e memorizei centenas de vocábulos. Porém pouco depois eclodiu o movimento estudantil. Seguiu-se uma tensão que aumentava a cada dia. Muitos perderam a motivação para ir às aulas. Com uma desculpa dessas, eu, que já não primo pela determinação férrea, me senti à vontade para abandonar o inglês. Agora viajo com frequência ao exterior e sempre me arrependo de não ter estudado o idioma quando tive oportunidade. Alguns anos atrás, ainda pensei em aprender umas frases de conversação, mas nem para isso me animo hoje em dia. Tudo o que posso fazer é esperar que algum gênio invente um aparelho de tradução, simples, portátil, rápido e preciso, para facilitar minhas viagens ao exterior.

Na primavera de 1990 voltei a minha cidade, mandei demolir as casas velhas e levantar quatro casas novas em um mês. Enquanto me ocupava disso, a universidade enviou vários telegramas solicitando a minha presença. Quando finalmente voltei, a diretoria sugeriu que eu me desligasse do curso. Concordei sem piscar. Vários colegas intercederam por mim, e, graças ao grande apoio do professor Tong, consegui continuar o mestrado. A nossa cerimônia de formatura coincidiu com o início da

Primeira Guerra do Golfo. Foi uma cerimônia apressada, sem banquete nem baile. No retorno a minha unidade de trabalho, um rapaz de nossa equipe de projeção de filmes me deu uma carona de triciclo. Como não havia mais vaga no alojamento, tive de me acomodar num depósito de materiais, onde todas as noites um bando de ratos vinha me perturbar. Um deles até fez um ninho na minha mala e teve lá vários filhotes. Durante anos continuei achando que as minhas roupas e os meus lençóis ainda fediam a urina de rato. Achei no estoque uma dúzia de estátuas de gesso do presidente Mao e coloquei todas na porta de entrada e ao lado da minha cama, como vigias. Alguns amigos do círculo literário vinham me visitar. Quando, depois de contornar todas as barreiras de vigilância do Exército, chegavam ao meu quarto e viam o que eu tinha feito, diziam que eu era o cara mais poderoso da China, porque tinha como vigias particulares uma dúzia de presidentes Mao. Morei dois anos no depósito, até a unidade me dar um apartamento de dois quartos. Mas ainda recordo com frequência do tempo em que convivi com uma dúzia de presidentes Mao.

Um dia, na primavera de 1992, alguém bateu à minha porta. Era He Zhiwu, depois de tantos anos. Perguntei como conseguira descobrir onde eu morava, ele deu um sorriso como resposta. "Ninguém vai ao templo sem um motivo", disse ele. "Em que posso ajudá-lo?", perguntei. "Vou fazer tudo que estiver ao meu alcance." Ele contou que estava trabalhando em tempo integral num departamento estatal de transporte na Mongólia Interior, mas queria achar um jeito de ser transferido para Gaomi a fim de poder cuidar dos pais idosos. Escrevi uma carta ao chefe do Distrito de Gaomi, entreguei a He Zhiwu e falei para ele procurar o diretor com a carta. Cheguei a perguntar o que tinha acontecido com o Gaz 51, e ele me respondeu, arregalando os olhos: "Você não sabia? Vendi para a equipe de Zhang Yimou. Aquele caminhão que o pessoal de Jiang Wen encheu de jarros de aguardente de sorgo e que explodiu como se fosse um coquetel molotov era o Gaz 51 do pai da Lu Wenli. Viu só?", continuou, "também dei minha contribuição para o seu *Sorgo vermelho*". "Mas o capô parecia diferente, questionei." "Como você é burro!", ele exclamou. "Com tanta gente qualificada na equipe eles tentariam fazer um caminhão soviético passar por japonês sem mudar nada? Seria uma tremenda falha, não acha?" "Vendeu por quanto?",

perguntei. “Vendi a preço de sucata. O veículo estava encostado no quintal do meu pai havia tempo, eu não sabia o que fazer com ele. Finalmente encontrei um jeito de lhe dar um fim glorioso.”

No início de 1993, fui passar o Ano-Novo Chinês em Gaomi. He Zhiwu veio me visitar. Contou que já tinha sido transferido de volta e estava trabalhando na representação de Gaomi na cidade de Qingdao. “Como você consegue fazer as coisas acontecerem?”, perguntei. “Graças à carta que você escreveu”, disse ele.

Nos anos seguintes ele me procurou várias vezes em Pequim e sempre me convidou para refeições caras. Ao que parece, ficou muito bem de vida. Fez repetidos convites para que eu fosse a Qingdao, contou que já não tinha vínculos com Gaomi, que abrira uma empresa e que o negócio ia bem. Disse que assim que eu chegasse a Qingdao, tudo correria por sua conta.

Por ele fiquei sabendo das novidades sobre os nossos colegas da escola primária. Ele não só estava a par do que se passava com eles, como também sabia da vida dos professores. Foi ele que me contou que Zhang, o professor de redação, tinha se aposentado, tempos antes, como decano da Escola Distrital Profissionalizante. Dos dois filhos dele, um tocava um negócio de madeira, o outro era secretário da Liga da Juventude Comunista do Distrito de Chengnan. O professor Liu Boca Grande, em seus melhores tempos, fora vice-diretor da Comissão Distrital de Educação. Depois da morte da esposa, casara-se, apesar da diferença de idade, com Lu Wenli, que ficara viúva jovem. O primeiro marido dela fora um filho de um diretor do distrito, um sem-vergonha capaz de todo tipo de ruindade, dizem que sempre batia nela. Um dia, bêbado, espatifou-se com a moto numa árvore e morreu. “Mas como foi que Lu Wenli acabou se juntando ao professor Liu?”, comentei. “Não dá para imaginar!” He Zhiwu riu: “E por acaso dá para imaginar que alguém vai acertar uma bolinha de pingue-pongue na goela do oponente? Pois é, isso também não dá para imaginar. Daí se vê que a vida é cheia de mudanças, o acaso é que ata as pontas do destino.Tudo se encaixa de maneira estranha, bizarra mesmo, ninguém é capaz de prever essas coisas”.

Em agosto de 2008, fui a Qingdao especialmente para encontrar He Zhiwu. Já tinha estado várias vezes naquela cidade, mas sempre com a agenda cheia de palestras ou conferências, sem tempo para mais nada. Isso deixava He Zhiwu muito contrariado. "Por que você não vem exclusivamente para me visitar? Aí vamos poder conversar três dias e três noites, tenho um monte de coisas para contar. Garanto que vai lhe render inspiração para um livro. Você me emprestou dez iuanes daquela vez, agora vou te devolver em material para um livro!"

Ele reservou uma luxuosa suíte no Hotel Imperial Huiquan, de frente para o mar. Dava para ouvir as ondas. Assim que me instalei, começou a contar sobre os últimos trinta anos da sua vida. Nos três dias seguintes, praticamente não fechou a boca, não importava se estávamos bebendo ou passeando na praia. Pediu todo tipo de iguarias da terra e do mar, mas só eu comia. "Não quer um pouco? Vai ser uma pena desperdiçar pratos tão caros." "Coma você, minhas 'três taxas' estão altas: pressão, colesterol e açúcar no sangue. Não posso comer essas coisas." Ele só bebia, fumava e falava sem parar. Deu férias ao motorista e me levou de carro para dar uma volta pela orla. "Ainda consegue dirigir depois de beber tanto?", perguntei. "Fique tranquilo, sou como Wu Song,[1] quanto mais bebo, mais esperto fico." "E se a polícia nos parar?" Ele riu: "Quero ver quem tem a ousadia de fazer isso". Enquanto dirigia, continuava seu palavrório incessante; falava e gesticulava. "Amigo, não é melhor você se concentrar na direção?", insisti. "Não tem problema, dirijo há mais de trinta anos, quando me sento aqui, o veículo se torna parte do meu corpo. Mas Lu Tiangong, aquele sim, era um motorista e tanto. A pontezinha de pedra atrás da nossa aldeia tinha quase a mesma largura do Gaz 51, e o sujeito atravessava a ponte sem tirar o pé do acelerador." Eu ia perguntar quem era Lu Tiangong, mas logo entendi a quem ele se referia. Foi aí que me dei conta da lacuna que havia entre nós.

"Com os dez iuanes que você me emprestou", ele prosseguiu, "fui à estação de trem, paguei um iuane e vinte centavos por uma passagem até Weifang num trem parador que ia de Qingdao a Shenyang. Apesar de ter

passagem paga só até Weifang, o que eu queria era chegar a Shenyang de qualquer jeito. O controle era bem rigoroso. Toda vez que conferiam os bilhetes, dois seguranças ficavam de guarda nas saídas do vagão para ninguém escapar. Quem fosse apanhado, na melhor das hipóteses era retirado do trem; na pior, levava uma surra e em seguida era posto para fora. Havia um soldado sentado na minha frente com uma faixa preta no braço, devia ser em sinal de luto pela morte do pai ou da mãe. Como você sabe, aprendi com o Vovô Wang Gui a adivinhar o caráter das pessoas a partir de suas feições." (Na verdade eu não sabia disso). "daí procurei puxar assunto com ele. Conversa vai, conversa vem, inventei a história de que tinha sido amigo de farra do falecido pai do soldado e ele acreditou sem pestanejar. Aí eu pedi: 'Meu irmão, estou com um problema e preciso de ajuda'. O soldado tirou do bolso do casaco sua passagem para Shenyang e sussurrou: 'Use isso, depois deixe embaixo da minha caneca'. Percebendo que o condutor se aproximava, ele pegou a chaleira da mão de uma atendente e, de um jeito muito caloroso, começou a servir água quente para todo mundo. Chegaram a dizer que ele era um Lei Feng[2] vivo.

Naqueles anos, um soldado do Exército Popular de Libertação tinha muito prestígio. Com a ajuda dele, consegui chegar a Shenyang sem problemas. Até hoje tenho grande afinidade com os militares. Minha filha mais velha se casou com o capitão de um submarino nuclear da frota do mar do Norte, e a mais jovem está namorando o comissário político do submarino. Dei todo meu apoio à escolha delas. Casar minhas filhas com o capitão e o comissário político significa que minha família praticamente controla a embarcação", riu. "Minha mulher é descendente de russos brancos, monarquistas, que fugiram dos bolcheviques no início do século passado, russa de sangue puro, nascida e criada na China, uma verdadeira cidadã chinesa. Em 1979 eu já estava rico, tinha 38 mil iuanes no banco! Sou uma pessoa corajosa, aceito correr riscos, mas nunca corri um único risco sem antes pesquisar bem. Com a reforma agrária lançada no final de 1978, após a terceira plenária do Décimo Segundo Comitê Central do Partido Comunista, as comunas populares foram dissolvidas e as terras passaram a ser arrendadas. Logo percebi que os arrendatários iam precisar de animais grandes, como cavalos, bois. Naquele tempo, dava para comprar um bom

cavalo por quatrocentos iuanes na Mongólia Interior e vender por mil ao sul da Grande Muralha. Um boi forte, com quatro dentes, comprado por apenas duzentos iuanes, custaria seiscentos do lado de cá da Muralha. Eu tocava um estúdio fotográfico na época. O negócio estava indo bem, mas, para ganhar mais dinheiro, vendi o estúdio por dez mil iuanes e comprei trinta cavalos de criadores de gado. Contratei um ajudante para levar o rebanho até o sul. Chegamos exaustos à província de Hebei. Os cavalos já estavam cansados e era difícil achar pastagem. Pensei um pouco e tive uma ideia. Peguei todos os cavalos e levei para a sede administrativa de Xuanhua. Fui direto procurar o chefe, disse que era um criador da Mongólia Interior e tinha ido entregar trinta cavalos de minha criação porque sabia que os agricultores locais, que arrendavam as terras, estavam precisando de animais para o plantio da primavera. Trinta lindos cavalos, de cortesia. O oficial, de sobrenome Bai, ficou sem saber o que dizer e só fez revirar os olhos. 'Sério, tudo por minha conta', falei. O oficial foi até o pátio, olhou os cavalos e disse: 'Não podemos aceitar de graça, vamos fazer o seguinte, vamos pagar oitocentos iuanes por cavalo'. 'É muito', respondi, 'seiscentos iuanes cada. Se precisarem, ainda posso ir buscar mais cem. Podem mandar alguém comigo, vou ajudá-los na transação.' Assim, naquela primavera virei comerciante de cavalos e ganhei trinta e oito mil iuanes. E, por causa dessas transações, o chefe Bai – hoje vice-governador – virou meu amigo do peito. Com dinheiro na mão, era hora de constituir família e estabelecer uma carreira. Pensei comigo que deveria voltar a minha terra para concretizar um sonho de juventude. Para falar a verdade, eu gostava muito da Lu Wenli. Queria dar a ela um presente na ocasião do reencontro, quero dizer, compraria aquele caminhão do pai dela e a levaria naquele veículo até a Mongólia Interior para iniciar uma carreira importante e fazer fortuna. Eu estava sabendo que a Fazenda Estatal tinha sido reestruturada, que as terras estavam arrendadas para os agricultores e o caminhão já era propriedade particular de Lu Tiangong. Então mandei um telegrama oferecendo oito mil para comprar o veículo, um preço alto, bem alto. Na mesma época, o Yuejin NJ130, fabricado em Nanjing, uma cópia do Gaz 51, custava oito mil. O caminhão velho valia, no máximo, dois mil.

"Contei o dinheiro para Lu Tiangong e disse: 'Estou pagando essa fortuna

por seu carro velho como se lhe desse um presente. Xiang Zhuang fez a dança da espada mirando Liu Bang, e He Zhiwu veio comprar o caminhão de olho na Lu Wenli'. Lu Tiangong riu: 'He Zhiwu, logo vi que você estava cheio de segundas intenções! Mas, em matéria de casamento, os pais não podem monopolizar a decisão. Vá atrás dela, se for capaz. Só vou lhe dizer uma coisa, filho, acho que a esta altura você já não tem muita chance. O filho do vice-secretário Wang, do Comitê Distrital do Partido, está interessado na minha Wenli. Para dizer a verdade, não gosto daquele rapaz. tem cara de pilantra, à primeira vista já dá para saber que não é coisa boa. Apesar de tudo, ele é filho do vice-secretário do Partido. então, se é da vontade de Wenli, não vejo razão para que nós, a mãe dela e eu, não aproveitemos enquanto é tempo. Não me importa o que acontecerá depois. Enquanto pudermos, vamos tirar proveito do privilégio de ser consogros do vice-secretário'."

He Zhiwu continuou: "Dei várias voltas no Gaz 51 pela aldeia só para me mostrar, afinal de contas eu era jovem e não tinha nada na cabeça! Depois disso, fui direto para a vila. Quer saber quando aprendi a dirigir? Em 1976, quando trabalhei como carregador numa fábrica de tijolos, fiz amizade com o motorista, o Velho Xu, e foi com ele que aprendi. A gente via o pai da Lu Wenli cheio de pose ao volante, sem saber que, na verdade, dirigir é coisa que se aprende num instante. É só o tempo de fumar um cigarro. Fui de caminhão até a fábrica de borracha para conversar com a Lu Wenli, mas o velho da portaria disse que ela tinha sido transferida para o correio da vila. O velho tinha a língua solta, foi logo indagando como a nora do vice-secretário do Partido poderia continuar numa fábrica de borracha empoeirada e fedorenta? Fui até o correio da vila, estacionei o caminhão na porta, entrei na loja ao lado, comprei um par de sapatos de couro, calcei e saí. Andar com aqueles sapatos novos era um suplício. Parecia que todo mundo estava olhando para os meus pés. Assim que entrei no correio, vi a Lu Wenli sentada atrás do balcão de selos, conversando com uma mulher de meia-idade. Fui até ela e disse: 'Lu Wenli, sou He Zhiwu, seu colega da escola primária. Seu pai me falou para te procurar'. Ela ficou parada me olhando por uns minutos e perguntou, indiferente: 'O que você quer?'. Apontei para o caminhão estacionado no outro lado da rua: 'Aquele é o caminhão do seu

pai, ele me mandou buscar você'. 'Mas estou trabalhando', disse ela. E eu: 'Tudo bem, vou esperar no carro até você sair do trabalho'. Voltei à cabine, acendi um cigarro e fiquei esperando por ela. Naquela época, a vila era um lugarejo caindo aos pedaços, o edifício mais alto era o prédio de três andares do governo local. De dentro da cabine, olhando para as bandeiras vermelhas no telhado e para os pinheiros em forma de pagode atrás do prédio, me deu aquela sensação de solenidade. Nem terminei o primeiro cigarro, Lu Wenli veio correndo. Abri a porta para ela entrar. Sem fazer nenhuma pergunta, dei a partida e saímos dali. 'Mas afinal o que você quer?', ela perguntou. Eu não disse nada e pisei fundo, olhando para ela pelo canto do olho. Lu Wenli abraçou os próprios ombros, fez um biquinho e começou a assoviar. Era um costume que ela não tinha antes, mas que lhe caía bem. As meninas mudam muito quando crescem, é verdade. Deixamos a vila, parei o caminhão num terreno ao lado do pátio externo da Escola Secundária Número 1. Por que parei ali? Porque era ali que ela havia ganhado o campeonato distrital de pingue-pongue juvenil. Virei a cabeça e olhei para ela fixamente. Era linda. Com certeza percebeu algo, ficou um tanto alerta, um tanto irritada. 'Que raios você quer comigo?' Não fiz rodeios, falei direto: 'Lu Wenli, gosto de você há mais de uma década. Quando saí rolando da sala de aula, prometi a mim mesmo que, se conseguisse algo na vida, voltaria para me casar com você! Quando você ganhou o título de campeã ali dentro' – apontei para o escritório da escola, que antes da revolução era uma igreja e que na nossa época abrigava o torneio de pingue-pongue – 'tomei a decisão de voltar para me casar com você depois que vencesse na vida'. Ela torceu o nariz: 'Então quer dizer que já venceu na vida? Já é alguém?'. 'Basicamente é isso', respondi, e logo perguntei: 'Quanto você ganha por mês?' Ela não respondeu, mas eu falei: 'Nem precisa dizer, eu sei. Seu salário é de trinta iuanes por mês, trezentos e sessenta iuanes por ano. Com meu negócio de gado na Mongólia Interior, ganhei trinta e oito mil, o equivalente ao seu salário de cem anos. Pagar oito mil por esse caminhão quebrado foi como dar uma aposentadoria generosa para o seu pai e a sua mãe, e deixar você livre de preocupações no futuro. Tenho muitos amigos por lá e já está tudo arranjado. Usando esses trinta mil como capital, em alguns anos eu, ou melhor, *nós* vamos ter cem mil na conta e, quem sabe, virar milionários!

Posso garantir uma coisa para você: nunca vai lhe faltar dinheiro para gastar; e mais: sempre vou tratar você bem.' Ela disse com frieza: 'Que pena, He Zhiwu, já estou noiva.' 'Noiva, mas não casada', falei, 'e, mesmo que, estivesse casada, ainda poderia se divorciar.' 'Como você pode ser tão impertinente? Com base no que, você acha que pode se meter na minha vida? Só porque comprou essa porcaria do meu pai? Só porque tem trinta mil na conta?' Eu respondi: 'Lu Wenli, tudo isso é porque amo você e não quero que entre numa fria. Andei investigando, aquele Wang Jianjun é um pilantra, vive na farra com outras mulheres...'. Ela me interrompeu: 'He Zhiwu, não se acha mesquinho ao dizer isso?'. 'Quero salvar você, não vejo nada de mesquinho nisso!' E, ela replicou: 'Obrigada pela boa vontade, mas você não é ninguém para mim. Da minha vida cuido eu, e você não tem o direito de se intrometer!'. 'Espero que reconsidere', eu disse. 'He Zhiwu, me deixe em paz, está bem? Se Wang Jianjun souber disso, ele manda te matar.' Eu sorri e disse: 'Quem dera ele soubesse, pode contar a ele'. Lu Wenli abriu a porta do caminhão e desceu: 'He Zhiwu, não se esqueça de quem você é, só porque está com uns tostões na mão. Escute o que eu lhe digo, o dinheiro não pode tudo'. Ela virou as costas e andou na direção da vila. Observando a sua silhueta, pensei: 'De fato, o dinheiro não pode tudo, mas, se falta dinheiro, então não se pode nada. Boa sorte, Lu Wenli'.

"Cheguei em casa e demoli um pedaço de muro para poder estacionar aquele caminhão velho dentro do quintal do meu pai. Cobri-o com uma lona, reconstruí o muro e pedi para o meu pai tomar conta do veículo. Ele resmungou: 'Tomar conta do quê? O caminhão por acaso vai criar asas e voar?'. Falei para ele ter uma visão de longo prazo. 'Esse caminhão ainda vai ter muita utilidade.' Depois de ajeitar tudo para os meus pais, voltei à Mongólia Interior com meus dois irmãos. Fizemos todo tipo de negócio, vendemos madeira, chapa de aço, gado e caxemira, e o dinheiro entrava aos borbotões. Tenho garra, mas também tenho miolos. Vou comprovar isso com uma pequena história.

"Naqueles dias, o comércio privado de caxemira era proibido. O contrabando de uma tonelada do produto para o sul poderia render um lucro de dez mil iuanes. Foram instalados postos de fiscalização. Achei dois caminhões idênticos, carreguei o da frente com algodão e o de trás com

caxemira. Cobri a carroceria de ambos com lona. Quando estávamos nos aproximando do posto, mandei estacionar o veículo com a caxemira e fui com o de pano para a inspeção. Ofereci bebida e cigarros, prometi que traria presentes do sul e tudo mais. Concluída a fiscalização, deixaram o caminhão passar. Logo depois, voltei com o veículo e disse para eles que precisava procurar um estepe perdido na estrada. Quando encontrei o outro caminhão, deixei o carregado com pano no lugar e saí com o de caxemira, e disse para os fiscais que tinha achado o pneu. Como já tinham verificado tudo, me deixaram passar sem criar problema. Foi assim, com truques como esse, que eu e meus dois irmãos conseguimos, numa primavera, vender quarenta toneladas de caxemira. Um lucro líquido de quatrocentos mil iuanes.

"Conforme a riqueza aumentava, minha rede de amigos crescia. Consegui arranjar permissão de residência para meus irmãos e coloquei os dois para trabalhar numa empresa de transportes. Na época a gente ainda acreditava cegamente em coisas como permissão de residência e emprego regular. Em 1982 fiz outra viagem a nossa aldeia, mandei construir uma casa nova para os meus pais e mantive a antiga. E troquei a lona apodrecida que cobria o caminhão. Meu pai já não se atrevia a falar alto comigo. Ele dizia a minha mãe: 'Zhiwu é muito generoso, não podemos mais criticar o que ele faz'. Eu ainda alimentava esperanças com relação a Lu Wenli, mas ela já tinha casado com Wang Jianjun e diziam que estava bem de vida. Assim, percebi que era hora de me casar também.

"Mal tinha tomado a decisão de namorar alguém a sério e uma leva de casamenteiros já estava batendo na minha porta para apresentar candidatas, todas bonitas. Não aceitei nenhuma. Então uma mulher veio me procurar sozinha. Era a Julia, minha esposa. Ela trabalhava no posto pecuário da região e tinha o apelido de Duas Mortes. De costas, tinha um corpo lindo de morrer, mas, de frente tinha um rosto esburacado que matava qualquer um de susto. Ela foi à minha casa e disse: 'He Zhiwu, deixe perguntar-lhe uma coisa: para que quer uma esposa?'. Pensei um pouco e respondi: 'Primeiro, quero que ela seja mãe dos meus filhos e, segundo, quero que lave minhas roupas e cozinhe para mim'. E ela disse: 'Então é melhor me escolher'. Pensei por um minuto, dei um tapa na coxa e disse: 'Então é você mesma!

Vamos fazer o registro!'. Meu casamento abalou toda a região! Pense bem: He Zhiwu, o homem mais rico do pedaço, casou-se com uma mulher de cara esburacada. Ninguém entendeu nada, claro que não. Você entende? Você vai entender quando vir suas duas sobrinhas lindas de morrer e seu sobrinho que já está no time de futebol. Minha mulher tem feições bonitas, só ficou feia por causa das marcas no rosto, mas isso não é hereditário, o seu sangue russo, a sua estatura e as suas feições é que são hereditários. Se eu me casasse com uma chinesa, poderia ter apenas um filho, mas uma mulher de outra etnia me dá o direito de ter um segundo filho e até um terceiro, com alguns arranjos. Agora você entendeu por que suas duas sobrinhas conseguiram 'aprisionar' um submarino nuclear? As beldades mestiças estão por cima, não há comparação. Já pensei muito bem nisso, o homem que não puder se casar com a mulher que ama deve se casar com a mulher que lhe traz mais benefícios. E Julia é uma mulher dessas."

He Zhiwu continuou: "Já nos anos 90, pensei com meus botões: para fazer um grande negócio e ganhar uma fortuna, preciso ir ao litoral. Por isso fui procurar você em Pequim, achei um jeito de ser transferido para a nossa vila e, mais tarde, para Qingdao. No início, minha mulher não queria deixar a nossa casa na Mongólia Interior. Eu disse a ela: 'Quando chegarmos a Qingdao, vou construir um prédio para você!'." He Zhiwu apontou um edifício cor de creme ao longe: "Olha aquele prédio, fui eu que mandei construir". Ele ainda enumerou suas façanhas gloriosas em Qingdao, que ouvi e esqueci. Era uma sucessão de valores despendidos, novas amizades, pequenos prejuízos e lucros fartos. "He Zhiwu", falei, "não sei se você ainda se lembra, no início da Revolução Cultural fizemos um teatrinho. Eu, no papel de Nikita Kruschev, da União Soviética, vesti a jaqueta desbotada do professor Zhang e enfiei dentro uma bola de basquete para simular uma barriga, e você, representando Liu Shaoqi, o Kruschev chinês, passou pó de arroz no cabelo. A nossa fala era 'Kruschev, meu irmão, Liu, meu irmão, estamos juntos na mesma canção'. Eu cantei 'quando a batata estiver cozida junte a carne'[3] e você cantou 'pequenos prejuízos e grandes lucros'. O segredo do seu sucesso", continuei, "é justamente tomar pequenos prejuízos em troca de lucros fartos." Ele pensou um minuto e disse: "Basicamente é isso, mas não só isso. Muitas vezes tomei grandes prejuízos

sem ganhar um benefício sequer". "Você se refere à compra do Gaz do pai da Lu Wenli?", perguntei. "Como pode ser tão mesquinho?", respondeu ele. "Posso fazer contas com todo mundo, menos com a Lu Wenli."

"Não foi procurá-la depois da morte do marido dela?"

"O marido da Lu Wenli morreu num acidente em 1993", disse He Zhiwu. "Na época eu estava no negócio de chapas de aço em Qingdao com a amante de um fulano aí. Sob a proteção desse fulano, monopolizamos o fornecimento de aço para todos os canteiros de obra da cidade. Fiquei emocionado ao saber que Lu Wenli estava viúva. Contei tudo a minha mulher e ela disse, com muita generosidade: 'Vai lá e traz ela para casa, pode se casar com ela oficialmente ou fazer dela sua amante, não me importo'. Mas antes que eu fosse atrás da Lu Wenli, ela foi me procurar. Usava saia preta, luvas brancas e maquiagem pesada no rosto. Apesar de um pouco envelhecida, continuava bonita. A primeira frase que me disse foi: 'He Zhiwu, finalmente estou livre'. Fui direto ao assunto: 'Você quer ser minha esposa ou minha amante?'. Sem rodeios, ela respondeu: 'Esposa, é claro'. 'Fazer de você minha esposa vai dar muito trabalho, que tal ser minha amante? Vou lhe comprar um apartamento na praia e pagar todas as suas contas.' Ela deu um sorriso amargo e disse: 'Então não vou mais incomodar você'. Não muito tempo depois, ouvi falar que ela casara com o professor Liu Boca Grande. Com duas garrafas de aguardente e dois maços de cigarros, dirigi sozinho até o terreno baldio na frente da Fazenda Jiaohe, onde havia contado ao pai de Lu Wenli que gostava da filha dele. Fiquei lá bebendo, fumando e pensando. Sempre achei que conseguia ler o rosto das pessoas e saber o que elas têm no coração, mas elas na verdade tudo isso não passava do julgamento de pessoas virtuosas que eu fazia a partir da perspectiva de uma pessoa ordinária. Conseguia perceber o que se passava na cabeça dos outros porque eram, na maioria, gente tão ordinária quanto eu. Mas Lu Wenli é uma pessoa honrada."

Na véspera da minha partida de Qingdao, He Zhiwu me levou para jantar em sua casa. A esposa dele cozinhou *jiaozi* com recheio de mariscos e ainda preparou uma tigela de purê de alho do jeito que fazem em Gaomi. Ela é uma mulher corpulenta e animada, o estereótipo da boa esposa e boa mãe. Quando estávamos meio embriagados, He Zhiwu levantou, apagou a luz e

falou para eu olhar para o vidro da janela da cozinha deles. Lá se refletia um padrão: brilhando como ouro moedas de bronze entrelaçadas, cada moeda com um furo quadrado no meio. Perguntei de onde vinha a imagem. Ele disse que também não sabia; observei por um longo tempo, mas não consegui achar a fonte. Ele continuou: "Eu podia morar num daqueles palacetes perto do mar, mas não quero, quero morar aqui mesmo". Quase o chamei de "escravo da fortuna", mas consegui segurar a língua. Esses homens de negócio, quanto mais dinheiro têm, mais supersticiosos ficam. O que ele esperava era apenas uma palavra auspiciosa, nada de alegorias importunas. Então troquei o "escravo da fortuna" por "beneficiário do Deus da Fortuna". "Só mesmo um grande escritor tem frase pronta para tudo", disse ele, satisfeito.

He Zhiwu me ligou depois que voltei para Pequim. Contou que estava pensando em desenvolver um projeto imobiliário num terreno na praia em Longkou. "Pode achar um tempo para me visitar?", pediu. "O responsável na Administração de Propriedades chama-se Zuo Lian, é filho de Zuo, o chefe da estação onde você trabalhou quando foi recrutado. O sujeito ficou todo animado assim que ouviu seu nome, ainda disse que você viu ele crescer e tal." Hesitei por um momento e acabei inventando uma desculpa para não ir.

---

[1] Personagem lendário que, em certo episódio, depois de beber demais, mata um tigre selvagem com as próprias mãos. [N.T.]

[2] Lei Feng (1940-62), soldado do Exército Popular de Libertação considerado um modelo de altruísmo e dedicação. [N.T.]

[3] Verso de um poema de Mao Zedong, que ridicularizava uma afirmação do líder soviético Nikita Kruschev, segundo o qual o povo preferiria um bom gulache à revolução. [N.T.]

Em maio deste ano, as Secretarias de Cultura, Rádio e Televisão de Gaomi coorganizaram o primeiro Concurso de Ópera Maoqiang na tevê. O secretário Lu, da Cultura, veio a Pequim especialmente com o propósito de me convidar para compor o júri. Difícil recusar tamanha gentileza, então aceitei. Três anos atrás, a ópera *maoqiang* foi declarada patrimônio cultural da China. Para transmitir essa arte às próximas gerações, o comitê do Partido e o governo de Gaomi decidiram criar uma companhia juvenil de *maoqiang*. Quarenta alunos seriam selecionados para estudar na Escola de Artes de Weifang e teriam carreira assegurada depois da graduação. Com o impulso dado pelo programa de tevê, o assunto virou uma febre. Mais de quinhentos candidatos se inscreveram. Todo dia vinha algum conhecido, amigo ou parente me procurar no albergue do distrito, pedindo para colocar seu filho na companhia de *maoqiang*. Aquilo me deixava bastante incomodado. Ao mesmo tempo, eu estava discutindo com escritores locais a criação de um novo roteiro para a companhia de *maoqiang* e por essa razão não tinha como voltar a Pequim de imediato. Assim, o secretário Lu me transferiu para outro hotel, onde eu poderia ter um pouco de tranquilidade. Mas, acreditem ou não, no mesmo dia em que me mudei para lá recebi uma mensagem no celular: "Prezado colega, talvez nem se lembre mais de mim. Sou Lu Wenli. Estou agora na recepção do seu hotel, poderia descer para conversar um pouco? Só vou tomar cinco minutos do seu tempo".

Escolhemos um lugar no bar do hotel, um garçom veio nos atender. "O que quer beber?", perguntei. "Tem álcool?", replicou ela. Aquilo era uma surpresa. O garçom sorriu e confirmou: "Claro que sim. O que a senhora gostaria?". "Qualquer bebida, desde que seja alcoólica", respondeu. O garçom olhou para mim sorrindo. "Então uma taça de vinho tinto para cada um", pedi. O garçom começou a desfiar uma extensa lista de nomes, mas eu o interrompi: "Traga o melhor que tiver". "Vamos combinar desde já", apressou-se em dizer Lu Wenli, "hoje é por minha conta". "Não precisa fazer cerimônia", falei, "vão pagar essa conta para mim." Ela parou por um segundo e disse, pensativa: "Pois é, agora você é uma celebridade, só o vejo

na tevê". "Que exagero, reclamei, um impostor tem medo de conterrâneos, e mais ainda de antigos colegas. E não só éramos colegas, como dividíamos a mesma carteira." "Achei que você já tivesse se esquecido", disse ela. "Como poderia esquecer? Depois dos cinquenta anos a pessoa pode não se lembrar do que aconteceu há pouco, mas o passado se torna cada vez mais nítido." Ela concordou: "Para mim também, agora até sonho com coisas daquele tempo". "Isso quer dizer que estamos ficando velhos", comentei. "O homem de mais de cinquenta anos está no seu auge, mas a mulher depois dos cinquenta vira uma bruxa velha", disse ela. Embora folgada, sua saia preta não escondia a cintura inchada. O rosto, antes magro, comprido e delicado, arredondara-se como uma lua cheia. As bolsas embaixo dos olhos estavam caídas e as olheiras, escuras. Quando chegou o vinho, erguemos as taças, fizemos um brinde e ela tomou um gole, afoita. "Como está o professor Liu?", perguntei. Ela suspirou: "Ele se foi". Fiquei espantado: "Mas ele só tinha sessenta e poucos anos...". "Minha sina é ser viúva, trago má sorte para os homens..." "De onde tirou essa ideia?", exclamei. Ela tomou mais um gole e me fitou com um brilho de lágrimas nos olhos: "Minha vida é uma amargura...". Sem conseguir achar uma palavra de consolo, ergui a taça e fiz mais um brinde. Dessa vez ela virou a cabeça para trás e secou o copo. "Não vamos mais falar disso. Vim lhe procurar para pedir um favor." Pegou uma foto e me mostrou: "Esta é minha filha, Liu Huanhuan. Ela se inscreveu no exame para a companhia juvenil de *maoqiang*, já passou em duas fases e está entre os primeiros sessenta colocados. Ouvi falar que os outros pais estão acionando suas redes de contato, por isso tive de deixar minha vergonha de lado e vir procurá-lo". Fiquei olhando a foto na minha mão, Liu Huanhuan, de boca grande e olhos grandes, lembrava em alguma coisa o professor Liu, mas se parecia muito mais com Lu Wenli. Achei que tinha ouvido os jurados mencionarem uma Liu Huanhuan. Mandei uma mensagem ao secretário Lu para perguntar. Ele respondeu: "É uma menina muito qualificada, se selecionássemos apenas dois alunos, ela estaria entre eles". Mostrei a mensagem para Lu Wenli e ela caiu em prantos. "Está mais tranquila agora?"

Ela soluçou: "Obrigada... Muito obrigada...". "Não precisa me agradecer", falei, "sua filha é que é bem qualificada, tem bom desempenho, tem boas notas!" Ela me interrompeu: "Sei como funcionam as coisas hoje em dia...

obrigada, meu colega...". Tirou da bolsa um envelope: "Aqui tem dez mil iuanes, espero que não seja pouco para oferecer um bom vinho ao secretário Lu e aos outros...".

Pensei por um momento e disse: "Está bem, querida colega, vou aceitar".

CRÉDITO DAS IMAGENS
[capa] Colagem com desenho técnico do caminhão Gaz 51
[verso da capa] Canteiro de obras de um novo complexo comercial em Pequim, China, 1999. © Fotografia de Stuart Franklin / Magnum Photos / Latinstock.

© Cosac Naify, 2013, e-book, 2013
© Seagull Book, 2010
Published by arrangement with Seagull Books
ALL RIGHTS RESERVED

Coordenação editorial HELOISA JAHN
Assistente editorial LUIZA MELLO FRANCO
Preparação CAROLINE CHANG
Revisão CRISTINA YAMAZAKI, ADRIANA CERELLO
Projeto gráfico original FLÁVIA CASTANHEIRA, PAULO ANDRÉ CHAGAS
Tratamento de imagem WAGNER FERNANDES

Adaptação e coordenação digital ANTONIO HERMIDA
Produção de arquivo ePub FABIAN J. TONACK

1ª edição eletrônica, 2013

Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Yan, Mo [1955-]
Mudança: Mo Yan
Título original: *Bian*
Tradução: Amilton Reis
São Paulo: Cosac Naify, 2013

ISBN 978-85-405-0602-2

1. Artes gráficas – Estados Unidos – História –Século 20
2. Rand, Paul, 1914-1996 i. Heller, Steven.
ii. Weingart, Wolfgang. iii. Burton, Philip.
iv. Geissbuhler, Steff. v. Helfand, Jessica.
vi. Hofmann, Armin. vii. Salchow, Gordon. viii. Título.

10-12633

Índice para catálogo sistemático:
1. Designers gráficos : biografia e obra 741.6092

COSAC NAIFY
rua General Jardim, 770, 2° andar
01223-010 São Paulo SP
cosacnaify.com.br [11] 3218 1444
atendimento ao professor [11] 3823 6560
professor@cosacnaify.com.br


BLOG
You
Tube

Este e-book foi projetado e desenvolvido em setembro de 2013, com base na 1ª edição impressa, de 2013.

FONTE Milo Serif e Brown
SOFTWARE LibreOffice e Writer2ePub de Luca Calcinai